

# ILUSTRAÇÃO



2.º ANO  
NUMERO 30

Lisboa 16 de Março de 1927

PREÇO  
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

# VERAMON



KIRCHBACH  
®



**Se sofre de dôres  
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



Allen Bradley

Os novos  
**DE RESZKE**  
«TURK»

Custam 6\$50 por cada 20 cigarros

portanto pôde V. Ex.<sup>o</sup> fumar «DE RESZKE»  
todos os dias

Que bela noticia!—o afamado *Cigarro dos afortunados* está agora por um preço ao alcance de todos os que apreciam as coisas finas da vida.

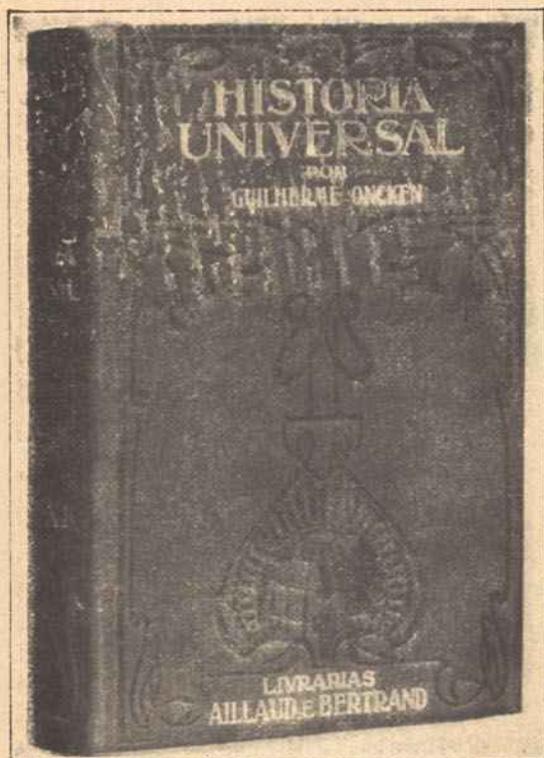
O tabaco super-fino confeccionado com pericia por técnicos de longa experiência e papel extra, tudo se combina para manufacturar um cigarro distinto, merecedor da fama do grande tenor que concedeu o seu nome á marca de cigarros que se tornou mundial.

Vá cêdo hoje á sua tabacaria e peça um pacote de DE RESZKE «TURK» a 6\$50 por 20.—No Porto 7\$00 por 20 e 16\$00 por 50.

Á VENDA EM TODAS AS TABACARIAS DE LISBOA E PORTO  
Distribuidores em Lisboa: TABACARIA INGLESA

Outros cigarros *De Reszke* são «Virginia» 6\$50 por 20; e 13\$00 por 50. «Tenor» turco de luxo, 2\$ por 18\$00, 5\$ por 33\$00 e 10\$ por Esc. 68\$00.—H. Mitchell, L.<sup>da</sup>, Lisboa—M.<sup>o</sup> Gorie & Peixoto, Porto.

# O NOSSO CONCURSO EM QUE CONSISTE



História Universal, de Guilherme Oncken,  
1.º prêmio do nosso concurso

Durante a publicação do romance

## “O MUNDO PERDIDO”

obra de mais alto interesse, algumas palavras serão substituídas no texto por cruzetas (+ + + +) em número igual ao das letras que substituem. Trata-se de reconstituir, pelo sentido da frase a palavra substituída.

Essas palavras, juntas, formarão dois provérbios dos mais conhecidos e usuais.

Exemplo: Os + + + + +, esses formosos animais domésticos, quando chega a + + + + + apresentam fosforescentes os olhos que + + dia são + + + + + e sem grande expressão. Entre + + + + + os animais domésticos + + + eles + + únicos que possuem a faculdade de vê-los nas trevas.

Temos pois: Os *gatos*, esses formosos animais domésticos, quando chega a *noite* apresentam fosforescentes os olhos que *de dia* são *pardos* e sem grande expressão. Entre *todos* os animais domésticos, *são* eles *os* únicos que possuem a faculdade de vê-los nas trevas.

Palavras reconstituídas pelo sentido: *gatos, noite, de, pardos, todos, são e os*.

Colocadas na devida ordem, dão o conhecido provérbio: «*De noite todos os gatos são pardos*».

Simple e intuitivo.

**IMPORTANTE:** No texto do romance, as palavras a reconstituir não sairão pela ordem que ocupam na frase que devem formar.

## COMO SE CONCORRE

Em cada número da «ILUSTRAÇÃO», durante a publicação do romance

## “O MUNDO PERDIDO”

será publicado um *coupon* numerado, que acompanhará o boletim do concorrente, que publicaremos com o último *coupon*.

Os prêmios não serão sorteados, mas atribuídos aos concorrentes que indicarem o número mais aproximado de soluções certas que lhes pareça ou palpite que devem ser-nos enviadas.

Exemplo: foram-nos enviadas 8325 soluções. O concorrente A. indica, como seu palpite: 8360 soluções, o concorrente B. indica 8300 e o concorrente C. 8250. Os prêmios seriam atribuídos: 1.º a B. (8325 — 25) 2.º a A. (8325 + 35), 3.º a C. (8325 — 75).

## PRAZO DE ENTREGA

Para que os nossos assinantes e leitores da África, Ásia e América, possam concorrer, o prazo de entrega dos boletins do concurso, será de

3 MESES

contados da publicação do número em que termina a publicação do romance

## “O MUNDO PERDIDO”

• • •

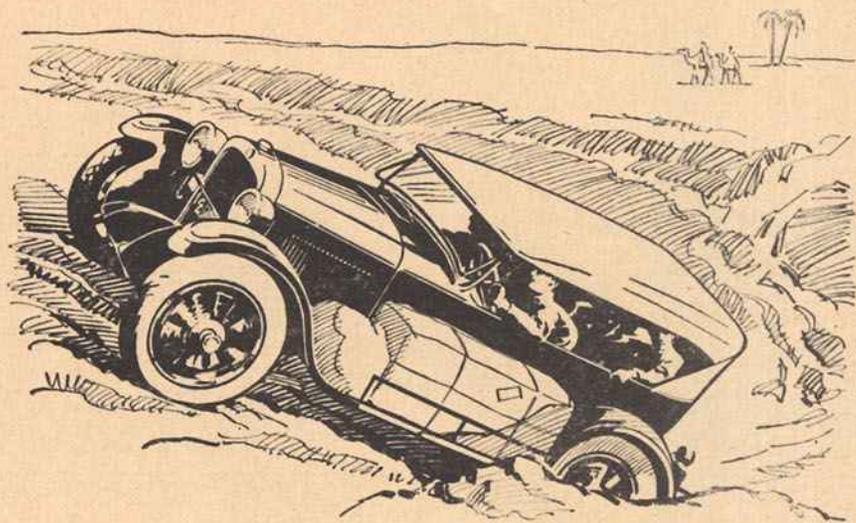
## OS PRÊMIOS

- 1.º **Premio** — *História Universal* de Guilherme Oncken, em 20 vols. (16 publicados e 4 em publicação) encadernação de luxo.
- 2.º **Premio** — *Coleção de Teófilo Braga*.
- 3.º **Premios**
  - a) *Obras completas de Alexandre Herculano*: 20 vols., encadernação em carneira.
  - b) Edição monumental dos *Lusiadas*.
  - c) Edição monumental das *Pupilas do Sr. Reitor*.
  - d) 70 Vols. de Camilo (ed. da Parceria A. M. Pereira).
- 4.º **Premios** — 2 Coleções de Eça de Queirós.
- 5.º **Premios** — 2 Coleções *Lusitânia* (40 vols.)
- 6.º **Premios**
  - 2 Coleções Antero de Figueiredo.
  - 2 » Aquilino Ribeiro.
  - 2 » Dicionários de Cândido de Figueiredo.
  - 2 » Dicionários de Domingos de Azevedo.

Mais 50 prêmios de 100000 em obras escolhidas nos catálogos das livrarias Aillaud e Bertrand.

Mais 40 prêmios de 50000, idem, idem.

Valor total 15.000000.



## Carros Que Satisfazem as Provas Mais Violentas Do Caminho

Em toda a parte onde o serviço de transporte é extremamente arduo, predominam os automóveis Dodge Brothers.

Na Australia, no Norte da China, nas Filipinas, na Índia, no Perú — onde os caminhos atravessam imensos campos agrícolas, desertos áridos e cadeias de montanhas — estes automóveis representam grande percentagem do numero total de carros que lá se empregam.

Eis uma das razões da superioridade dos automóveis Dodge Brothers: contêm, em proporção ao peso, maior quantidade do dispendioso aço crómo vanádio do que quaisquer outros automóveis de qualquer preço.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA

1, Avenida da Liberdade

PORTO

21, Avenida dos Aliados

# AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

O  
**Novo Atlas Universal**  
DE  
**Geografia e Historia**

POR

J. MONTEIRO e L. SCHWALBACH

alem de interessar a todos os que se dedicam a assuntos geográficos e históricos possui incontestavel valor:

- |   |  |
|---|--|
| a) para os engenheiros, comerciantes, agricultores e industriais... | (Os mais recentes e sugestivos gráficos referentes à produção mineira, vegetal e animal; Portugal agrícola, geológico e mineiro; Planisfério com as estações rádiotelegráficas.) |
| b) para os cartógrafos .....  | (Teoria das projecções mais usadas em geografia.)  |
| c) para os filólogos .....  | (Portugal dialectológico, mapa elaborado pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, segundo os mais recentes dados.)  |
| d) para os coloniais .....  | (Numerosos mapas das colónias portuguesas.)  |

Pela primeira vez aparecem os mapas relativos às conquistas portuguesas em Marrocos (sob a direcção do Dr. David Lopes) e às grandes regiões e sistemas de montanhas da Península Ibérica — 118 Mapas.

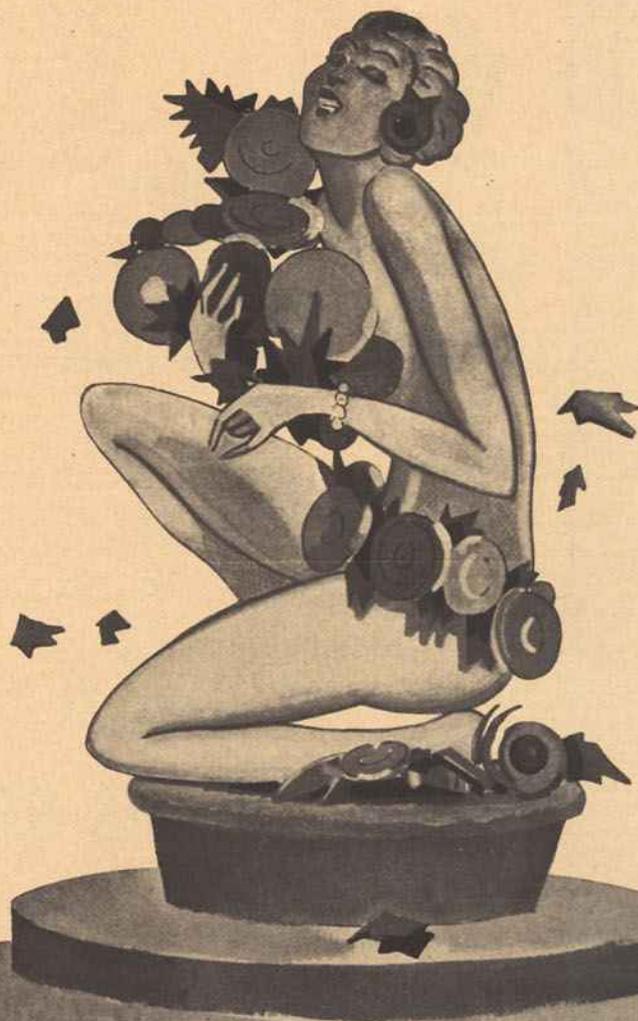
O Atlas mais completo e barato

.....

PEDIDOS ÀS

Livrarias Aillaud e Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**BERTRAND IRMÃOS, L<sup>DA</sup>**

+ GRANDES + ATELIERS +  
+ DE + GRAVURA +

*T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA*

**PETROLEO** M. d. P.



# HAHN



**PARA O CABELO**

*Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira*

FRASCO GRANDE 24\$00    FRASCO PEQUENO 17\$00  
VENDA POR GROSSO

*Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.<sup>da</sup>*  
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



## A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recomendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C<sup>o</sup>), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES  
Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1891

## HORÁRIO DOS COMBÓIOS

6.º Aditamento ao Cartaz-Horário D. 180

### Linha do Norte - RÁPIDOS ENTRE LISBOA E PORTO

Tendo a Camara Municipal de Tomar resolvido desviar o movimento comercial e industrial daquela cidade, a partir do próximo dia 1 de Março, a fim de proceder á reparação da estrada de Patialvo a Tomar, por esse motivo, desde aquella data e enquanto durar a reparação da referida estrada, os comboios rápidos entre Lisboa e Porto (n.ºs 31, 32, 33 e 34) passam a ter a paragem de meio minuto na estação de Chão de Maçãs, donde partem, respectivamente, ás 10-30, 12-14, 10-30 e 21-55, para serviço de passageiros sem bagagem registada.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1927. — O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES  
Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1891

## LEILÃO

Em 21 de Março próximo futuro e dias seguintes, ás 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de despêns accessorias, proceder-se-ha á venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirar-os, pagando o seu débito á Companhia, para o que terão de dirigir-se á Repartição das Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 19 do referido mês, das 10 ás 17 horas.

O leilão realisa-se no Armazem situado no fim do molhe n.º 3 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1927. — O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

### Novidade literária

AQUILINO RIBEIRO

# ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

GRANDE EXITO DE LIVRARIA

3 EDIÇÕES VENDIDAS  
DURANTE 1 MÊS

PEDIDOS AOS EDITORES

Livrarias Aillaud e Bertrand

73, R. GARRETT, 75 — LISBOA

## O 3.º numero do MAGAZINE BERTRAND

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>

R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

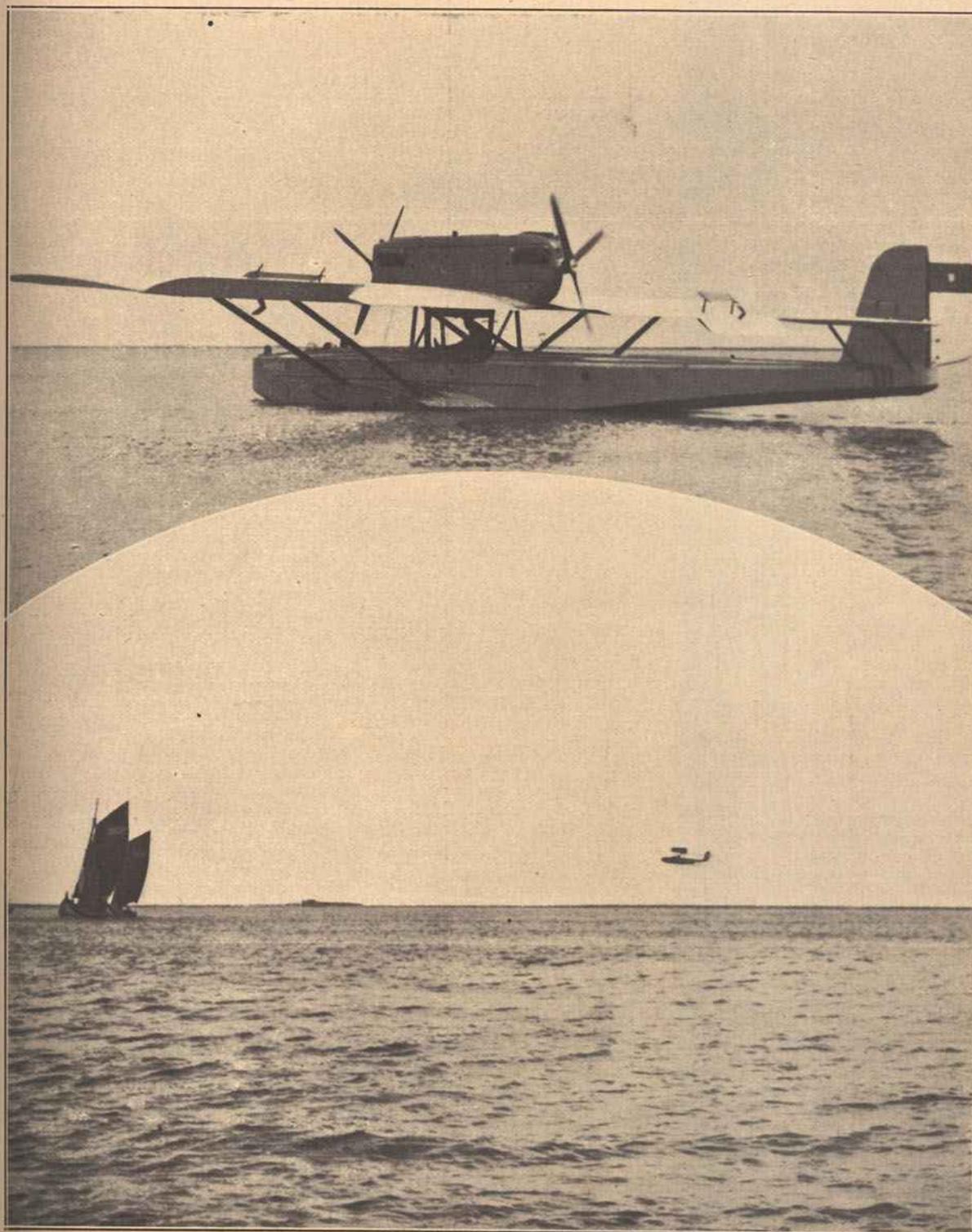
DIRECTOR TÉCNICO:

FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 30

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

10 DE MARÇO DE 1927



A PARTIDA DO «ARGOS»

*O aparelho momentos antes de levantar vôo e já a caminho da sua viagem*

NA CAPA. — A EV.<sup>DA</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Isabel Burnay de Melo Breyner (Mafra)

## CRÓNICA DA QUINZENA

O livro do doutor Francisco Velasco de Gouveia, intitulado *Justa Aclamação do Sereníssimo Rei de Portugal D. João o IV.*, é o trabalho que mais avulta na história do direito público português. Não desdenharia subscrevê-lo o maior jurista daquela época, porque ele é um monumento de inteligência e saber, um modelo perfeito de interpretação jurídica, de investigação e crítica histórica, inspirado em sentimentos patrióticos da maior pureza e elevação.

Os conjurados do 1.º de Dezembro restauraram a nacionalidade: o dr. Velasco de Gouveia lançou os fundamentos jurídicos da nacionalidade restaurada.

Talvez não possa colocar-se o douto catedrático de Coimbra, autor da *Justa Aclamação*, na categoria dos *juris conditores*, fundadores do Direito, como se lhes chamava na velha Roma; mas como exegeta, em matéria de jurisprudência, não sabemos de alguém que se lhe avante, lógico e subtil ao mesmo tempo, erudito sem ser pomposo, arguto sem ser sofista. Ao seu livro chamou ele — *Tratado Analítico*, título bem adequado a uma obra essencialmente de análise, embora completa na exposição dos factos, sobria, mas não insuficiente, na enunciação de doutrinas.

D. Sebastião morrerá na jornada de Alcácer-Kibir, sucedendo-lhe no trono o Cardeal D. Henrique — velho, doente e sem filhos. Ainda se pensou em casá-lo com uma rapariga, na vaga esperança de que ela viesse a ter filhos, que seriam filhos do Cardeal, segundo a lei, nos termos do conhecido aforismo — *pater est...* que em português se enuncia assim, como se fôsse uma tradução do Camilo — o dono da vaca é o pai do bezerro. Falhou este expediente cômodo, e um belo dia o Cardeal, martirizado por achaques vários, que agravavam a sua decrepitude, entregou a alma ao Criador.

Tôdas as diligências que D. Henrique fizera para resolver o grave problema da sua successão, reduziam-se a pedir aos vários e numerosos pretendentes, numa espécie de circular, que alegassem os motivos que tinham ou julgavam ter, justificativos da sua pretensão. Ele resolveria conforme achasse justo, ou resolveria por ele uma Junta Governativa, com preterição das Côrtes Gerais do Reino.

Confiando mais na força que tinha que no direito que alegava, o monarca castelhano invadiu Portugal, que lhe não teria oposto resistência, se não fôra a ambição, em crise de desespero, do Prior do Crato, que não conseguira vender pelo alto preço que estipulara a renúncia dos seus direitos.

Pois bem:

Sendo verdadeiramente triunfal a marcha do duque de Alba desde Badajoz até Lisboa, sem episódio guerreiro digno

de menção, a não ser o combate em Alcântara, bem podia Filipe de Castela considerar-se de facto e de direito rei de Portugal, tanto mais que o Clero e a Nobresa por bem pouco não antecipam de mais de dois séculos o episódio das mulas, em Vila Franca. Acresce ainda que, tendo consultado os seus teólogos e os seus catedráticos, todos eles, *una voce*, lhe haviam dito que podia invadir Portugal sem escrúpulos de qualquer ordem, porque a conquista que se propunha fazer nada mais seria que a reivindicação dum legítimo direito que lhe negavam. Não obstante, o rei castelhano, submetido por completo o País, vencidas tôdas as resistências, não se ouvindo na terra portuguesa outro clamor que não fôsse o das ruidosas homenagens prestadas a Magestade triunfante, deu-se pressa em reunir Côrtes, o que teve lugar na cidade de Tomar, no dia 16 de Abril de 1581.

Côrtes para quê?

Para o rei prestar juramento de bem servir o Reino, cumprindo as suas leis, promovendo os seus interesses e respeitando os seus costumes, e para os três Estados jurarem fidelidade ao rei, acatando a sua autoridade, havida por legítima. Tinham bastado alguns meses, oito a nove, para o rei de Castela fazer a conquista de Portugal, tornada fácil pela covardia de muitos, pela venalidade da maior parte, contando-se entre os venais personagens do mais alto côtumo, civis e eclesiásticos. Pois foram convocadas as Côrtes para Março, vindo a realizar-se em meados de Abril, por circunstâncias accidentais. Filipe II tinha chegado a Tomar em fins de Fevereiro. — Havia algum respeito pelas formulas, pela legalidade, naqueles tempos absolutistas, tempos do quero, posso e mando, de que ainda muita gente tem saudades.

Tinha-se abastardado o carácter português até ao ponto de ser possível essa ignominia de Tomar, as Côrtes de 1581, lógica sequência duma série de vergonhas que foram, dirigidas por Cristóvão de Moura, a preparação conveniente para a invasão armada. O duque de Bragança promovido a Condestável, foi o primeiro a curvar-se perante o castelhano, jurando fidelidade. Aquele famoso arcebispo de Braga, o da vaca e riso, desde a morte de D. Sebastião a pender, sem recato, para o lado do usurpador, foi quem ali, em Tomar, apresentou ao rei Filipe os Evangelhos sobre que ele devia prestar juramento.

Nomes que se tinham coberto de glória na Índia, Mascarenhas, Albuquerque, desceram as máximas abjecções, uns comprados a dinheiro de contado, subornados outros por vãs honrarias, fidalgos com alma de laçao.

Afirmações de nobresa, de dignidade cívica, de altivez patriótica, só as teve o Povo, durante a crise moral aberta pela

vacância do trono, morto D. Sebastião. Dir-se-ia que todo o organismo nacional, com excepção do terceiro Estado, se romperá, gangrenará, e que essa gangrena, afectando os seus elementos nobres, era o sinal certo de morte irremediável e próxima.

Ora sucedeu que os Filipes governaram o País de tal sorte, que no dia 1.º de Dezembro de 1640 um pequeno grupo de conjurados soltou o grito de independência, que ecoou por todo o Reino, bastando alguns dias para se fazer, de facto, a restauração de Portugal.

Reuniram as Côrtes logo no mês seguinte, em 28 de Janeiro, com representação dos três Estados, e aí se lavrou Assento da justa aclamação do Sereníssimo D. João IV, mais restaurado que restaurador, sendo manifesto que este diploma foi elaborado pelo dr. Velasco de Gouveia, encarregado de redigir um livro que fôsse a *comprovação de todo o sobredito, no facto e no direito*, que do Assento constasse.

Sacudira-se o domínio de Castela, e fizera-se isso, naturalmente, pela forma violenta como ele se estabelecera sessenta anos atrás. Fechara-se um parêntesis de escravização, de insuportável tirania fundada em pretensos direitos successorais, restabelecendo-se a continuidade da vida histórica, independente, que sempre tivera o reino de Portugal, desde a sua formação. Pois nem por isso os patriotas de 1640 se julgaram dispensados de fazer perante o *Sumo Pontífice da Igreja Católica, Reys, Príncipes, Republicas e Senhores Soberanos da Christandade*, a plena justificação com fundamentos jurídicos, do seu acto heroico.

Quer dizer, há perto de trezentos anos os homens de leis entendiam que as situações de facto, mesmo que tenham indiscutível legitimidade, precisam converter-se em situações de direito, nos termos das regras e usos estabelecidos na época respectiva.

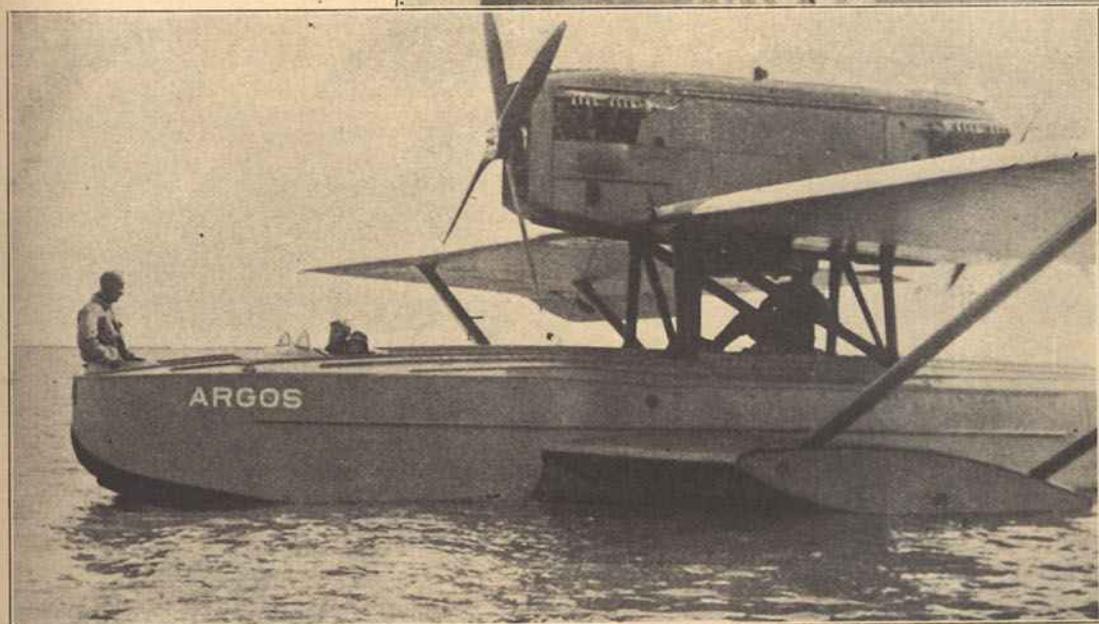
O livro da *Justa Aclamação*, publicado aproximadamente cento e cincoenta anos antes da Revolução Francesa, assenta o princípio da soberania nacional, que muito boa gente cuida ter sido definido, como um dogma, pelo Pontífice Máximo, sem concílio, chamado Jean Jacques Rousseau. E' curioso notar que os Constituintes de 1822 se inspiraram no trabalho do dr. Velasco, sendo por isso legítimo, como lêz Teófilo Braga, ir procurar nas Côrtes de 1641 o primeiro balbuzio da democracia portuguesa.

Valia a pena fazer uma edição popular, muito barata, devidamente comentada, da *Justa Aclamação*, e tornar obrigatória a sua leitura para os *lunos* de hoje, que serão amanhã — ai de nós todos! — os pastores dêste rebanho luso, digno de melhor sorte.

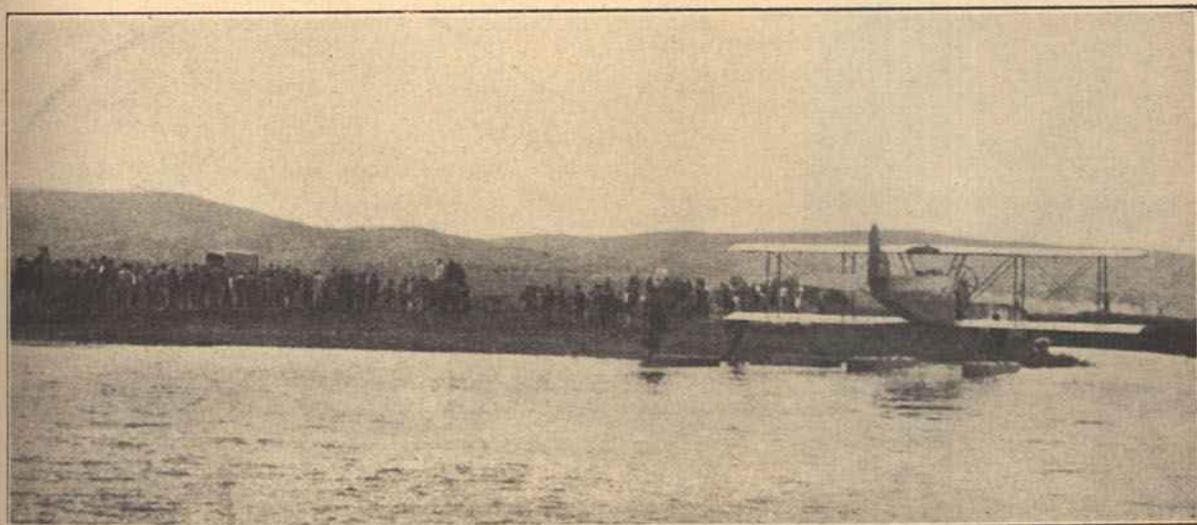
BRITO CAMACHO.

# ACTUALI- DADES

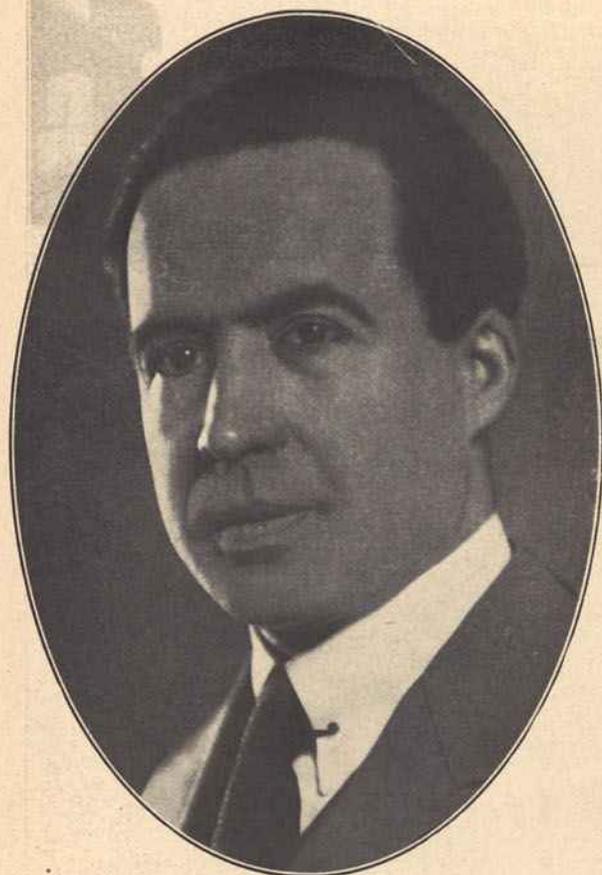
A GLORIOSA  
AVIAÇÃO  
PORTUGUESA



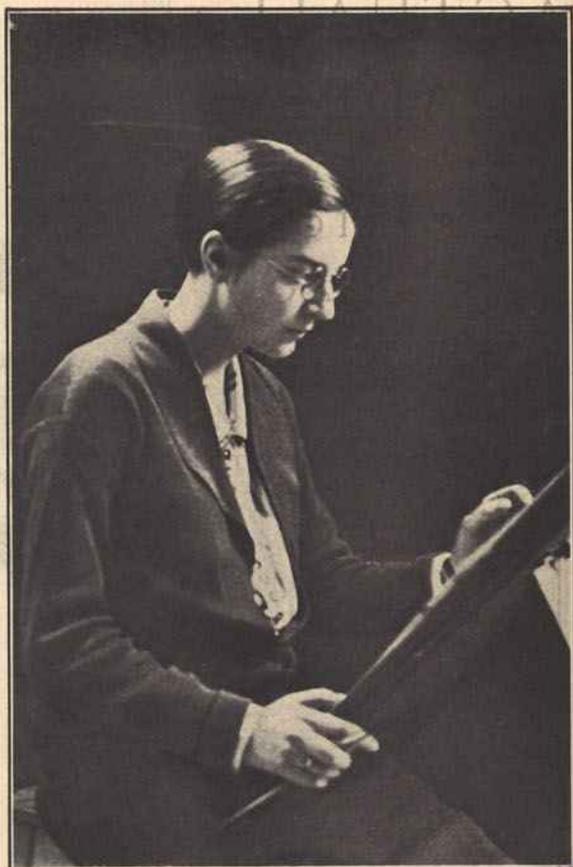
Dois aspectos do avião «Argos» com sua tripulação durante as experiências que antecederam a viagem



A multidão assistindo à sua partida na ocasião de levantar vôo



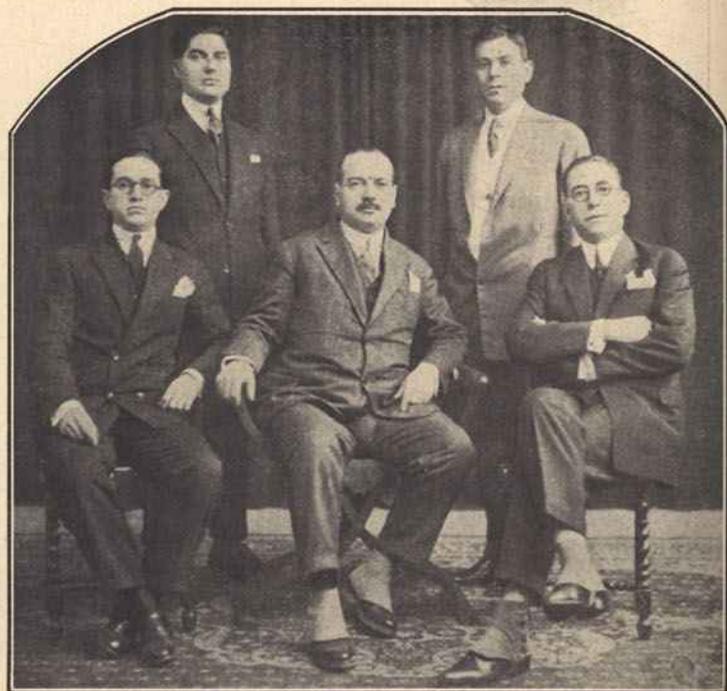
O ilustre pintor Sousa Lopes, que actualmente realisa uma notável exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes e da qual a «Ilustração» se ocupará no próximo número



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Lima Cruz, jovem e talentosa pintora, que actualmente expõe na cidade do Porto no salão Silva Porto



M.<sup>me</sup> Nadine Glado, que recentemente deu um recital de piano na Liga Naval, com enorme successo e que revelou uma tecnica delicadissima na interpretação dos maiores mestres



A direcção do «Grémio Alentejano», inaugurado há pouco em Lisboa. Da esquerda para a direita, sentados: José Niny Mexia, Dr. Ramon de la Faria, B. Crespo Amador, de pé: A. Guerra Marechão e Jacinto F. Palma

O CARNAVAL EM LISBOA ACTUALIDADES



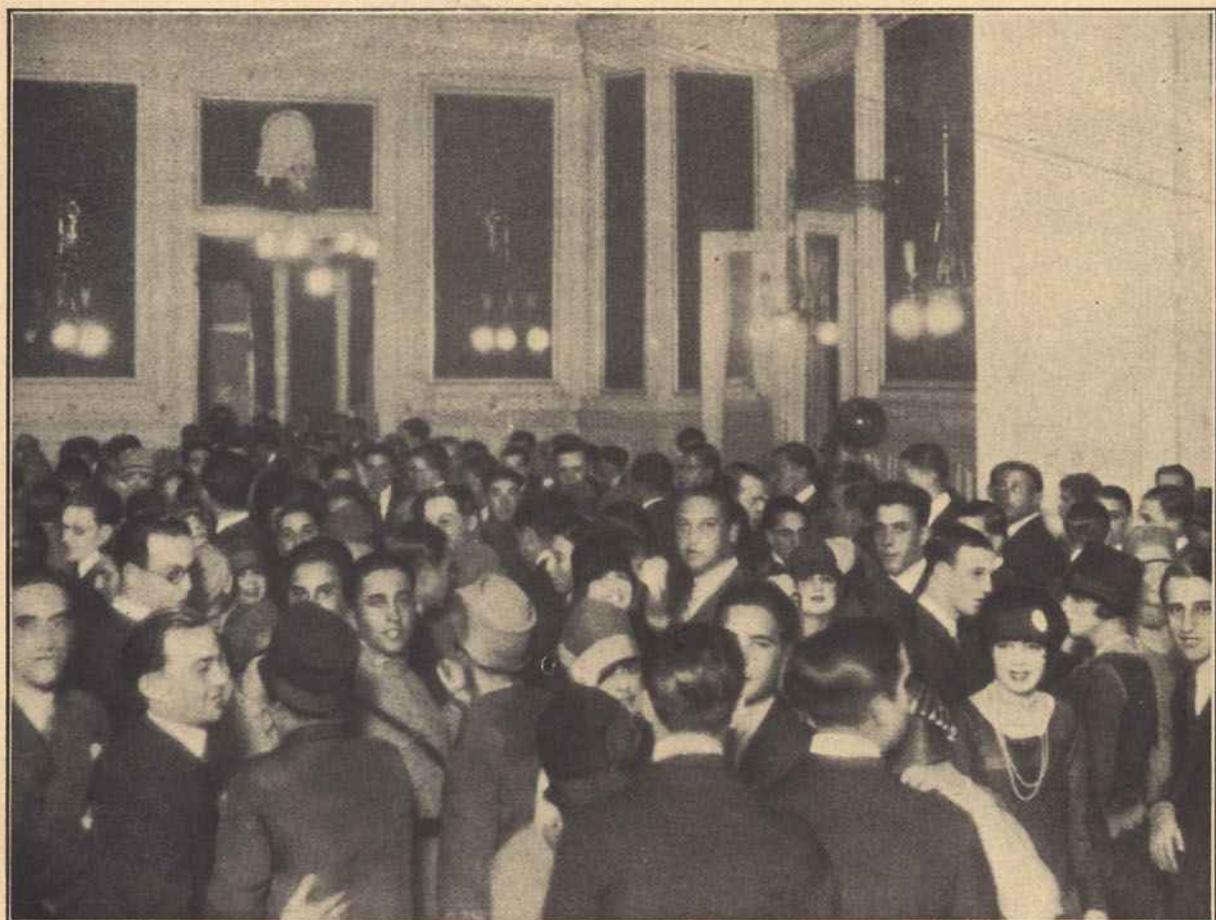
No salão Silva Porto, na cidade do Porto, foi inaugurada no dia 5 de março uma nova exposição da já reticel pitoresca D. Maria Adelaide Lima Cruz. A expositora com sua mãe, irmã e alguns visitantes.



Assistência ao baile da colônia alemã, efectuado em 27 de fevereiro no Grande Hotel da Batalha, no Porto. No oval: Um gracioso grupo que tomou parte na aludida festa.

ILUSTRAÇÃO

# O CARNAVAL EM LISBOA



Aspecto da assistência à matiné infantil e chá dançante de caridade, realizados no Avenida Palace na tarde de segunda-feira gorda e organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade



Henrique de Almeida Bessa Fuentes,  
vestido de almirante



Maria Alexandra de Betoncourt Pamplona  
Ramos Córte-Real, de valete de copas



Maria Luisa de Almeida Lopes,  
de cavaleiro de cota de armas, século XVI



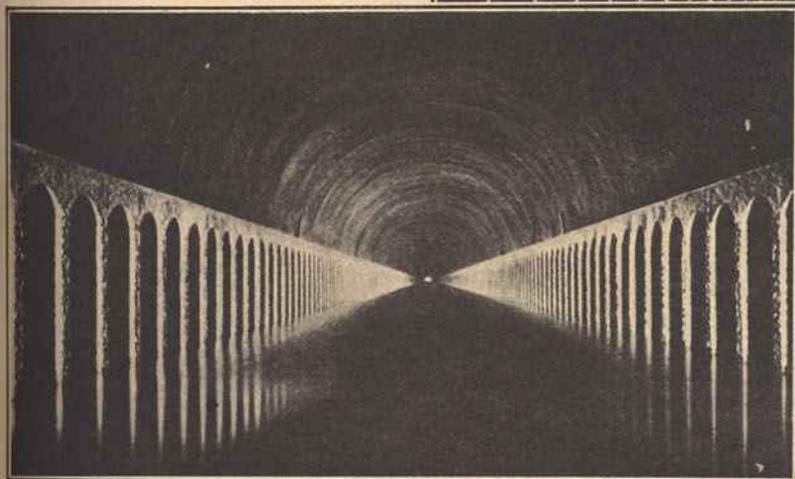
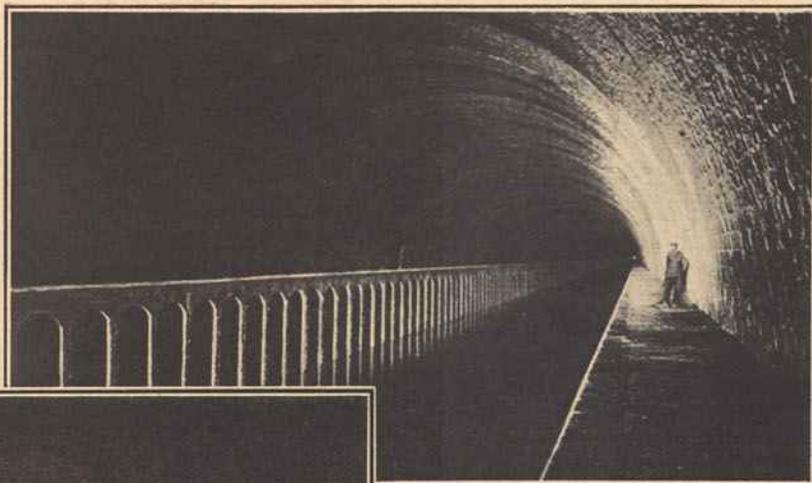
Manuel Canavarro Guimarães,  
de «cow-boy»

## O ENCANTO UNICO DO CARNAVAL D'ESTE ANO

# PELO MUNDO FORA

O MAIOR CANAL-TÚNEL DO MUNDO

Com o comprimento aproximado de cinco milhas e rigorosamente aberto em linha recta, este canal, conhecido por Túnel Rove, por ser éste o nome dos altos montes sob os



quais éle estabelece a circulação de barcos, é tido justamente como um prodígio da engenharia moderna. A técnicos franceses cabem a honra e a glória desta obra, tão primorosa quanto formidável, e que consumiu quinze anos de audaz inteligência e de esforço perseverante. Com 70 pés de largo, é a maior via de navegação subterrânea que existe em todo o mundo. Seu custo, desde 1911, ano em que começaram os trabalhos, fôra computado em 4 milhões de libras, mas attingiu 25, metade dos quais absorvidos só pelas escavações. Este formidável canal comunica directamente o porto de Marselha com o lago chamado Etang de Berre, facilitando muito o tráfego do centro da França com os portos do sul, com a Suíça (via Genebra), com a Alsácia com a Alemanha (via Mulhouse). As nossas gravuras representam: Trecho do estreito cais para reboque de embarcações. Ao fundo, expressa num pequeníssimo semi-círculo de luz, apercebe-se a outra extremidade. — Vista do canal tirada dum ponto próximo da sua entrada sul. Da mesma forma, ao longe denuncia-se, por uma mancha de claridade, a abertura oposta.



A GUERRA CIVIL NA CHINA. — No oval: Um curioso documento da intromissão moscovita na guerra chinesa: dois oficiais do exército cantonense em Wuchang — um chinês tendo a sua direita um russo. — Um grupo de figuras dominantes no incremento das ideias bolchevistas na China: à esquerda, Borodim, o comissário dos soviets junto do governo cantonense; o general russo Gallent (o tercelro a contar para a direita); a seguir, o general Chiang Kai-Shek, comandante em chefe do partido nacionalista chinês

# DESPORTOS

## HOCKEY EM CAMPO

O desporto feminino encontra-se ainda muito pouco desenvolvido entre nós. Raros são os «sports» praticados pela mulher em Portugal, ao contrário do que sucede no estrangeiro em que de dia para dia se vem acentuando um extraordinário movimento desportivo feminino.

O «Hockey» é um dos jogos preferidos pela mulher, sobretudo em Inglaterra, onde não há colégio nenhum de raparigas em que este jogo não seja muito popular.

Para podermos avaliar bem a importância internacional do hockey feminino, basta dizer que a «equipe» representativa da Africa do Sul se deslocou à Europa, para realizar uma série de encontros internacionais, tendo o primeiro destes sido jogado contra a «equipe» francesa que foi nitidamente batida pelas suas adversárias.

Publicamos nesta página uma interessante fotografia d'este match que se realizou ultimamente em Paris.



Uma fase do «match» França-Africa do Sul

## TENNIS

### O PROFESSIONALISMO NO «TENNIS»

Suzanne Lenglen veio revolucionar o tennis quando da sua ingressão ao profissionalismo-há



As duas estrelas do profissionalismo do «Tennis»  
Suzanne Lenglen e Mary Brown

segundo as últimas notícias, pensa em fazer uma grande tournée pela Europa com os seus campeões.

Duvidam alguns criticos do bom resultado desta série de «matches» através da Europa, pois que, segundo elles, uma cousa é ver um torneio de tennis no qual há adversários de grande valor e de forças sensivelmente iguais e outra cousa é ir assistir a um «match» entre Lenglen e Miss Brown que, já se encontraram muitas dezenas de vezes, sem que esta última tenha tido a mais pequena occasião de vencer a «Rainha» do Tennis.

Quanto a nós, há muitos países que ainda não tiveram occasião de poder admirar o jogo

de Suzanne e que portanto acolherão com entusiasmo a ideia de assistirem ao jogo incomparável da melhor jogadora do mundo. Nestes, o successo financeiro estará assegurado mas necessario se torna que M. Baldwin possa enriquecer a sua troupe com novos elementos de valor.

Pretendem os franceses que nenhum dos seus «ases» dará o seu concurso ao «professionalismo» mas, haverá na Europa outros jogadores de grande valor que se deixarão tentar pela ambição de enriquecerem duma maneira suave e agradável? Estamos certos que sim e que com o tempo, a industria do «tennis» será um facto.

cêrea de um ano. Este acontecimento, que foi então muito discutido pela imprensa de todos os países, volta hoje a ser novamente posto em foco com o regresso da América de Suzanne, onde ella foi fazer uma «tournée» que lhe deu o bonito lucro de 1 milhão e meio de francos.

O gesto de Lenglen foi seguido pela jogadora americana Miss Mary Brown e pelos jogadores Richards, Kinsey e outros na América e por Paul Féret na França.

O empresário desta troupe, Mr. Pyle, após a recente tournée, não quis renovar o contracto com Lenglen pois que o successo financeiro não foi nada o que Mr. Pyle esperava. Suzanne Lenglen tem agora um novo «menager», o milionário americano Mr. Baldwin, que se encontra presentemente com ella em Paris e que,



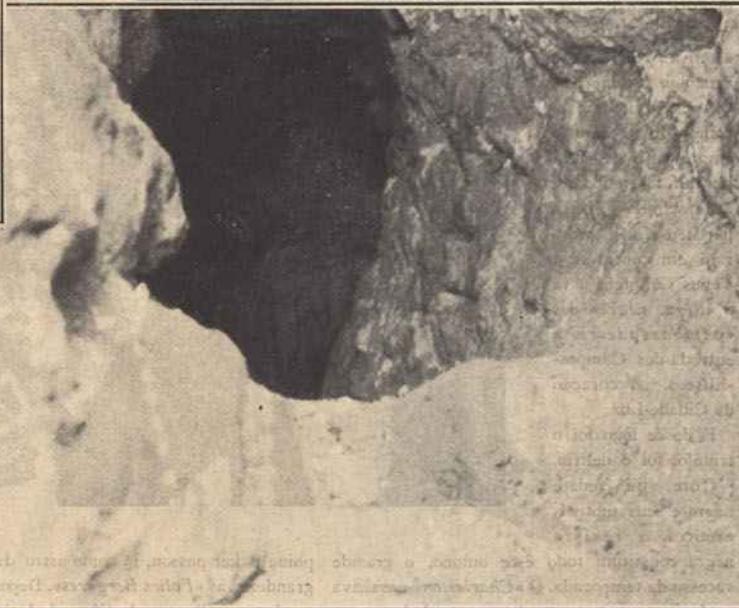
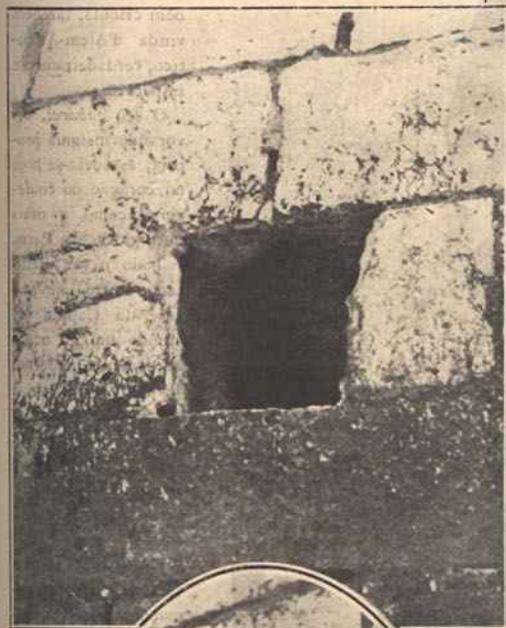
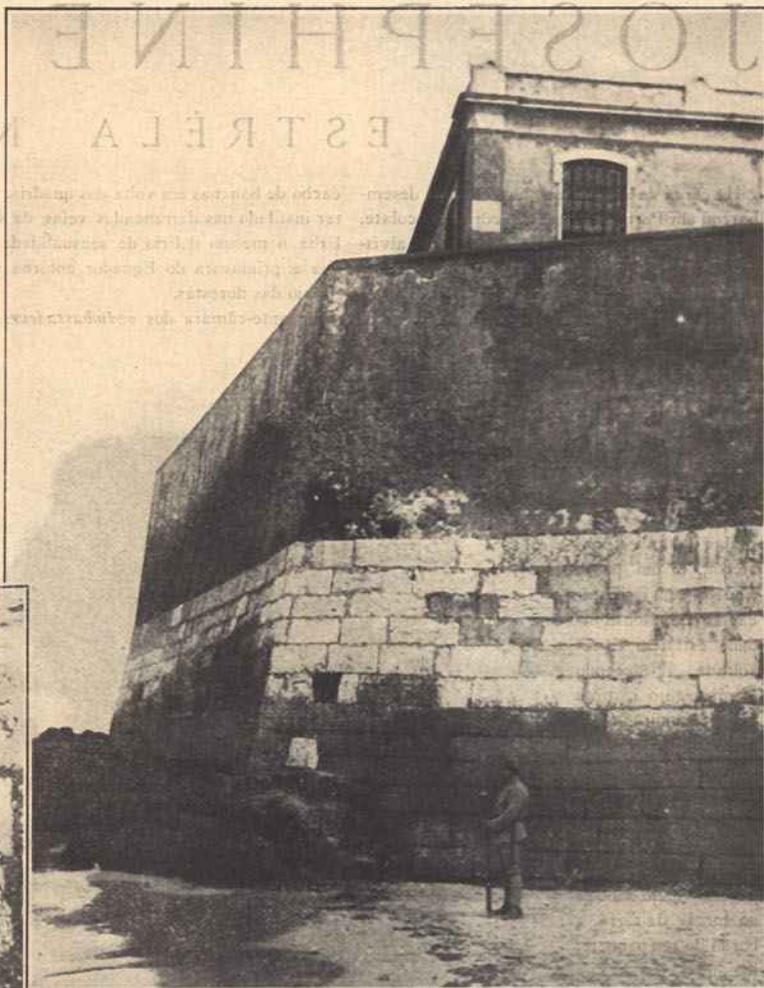
A passagem de um dos obstáculos do Prix Saint Cassiers, steeple-chase internacional para civis e militares, disputado ultimamente em Cannes

# COMO SE PÓS EM FUGA UM PRÊSO POLÍTICO

Há tempo que o Presídio da Trafaria tem estado em foco, em virtude de sucessivas evasões de alguns dos seus presos. Por acharmos dignos de registro, publicamos alguns aspectos desse edifício e relatamos, ainda que de maneira sucinta, como presumivelmente, se deu a evasão do antigo presidente de Ministério, sr. António Maria da Silva, e sobre a qual tem corrido desventuradas versões.

Em face das investigações a que, sobre o caso, procedeu o sr. major Lobo da Costa, é de concluir que o referido chefe político fugiu à vigilância dos seus carcereiros no dia 13 de Janeiro, supondo-se que esteve depois oculto numa caixa de ar do edifício durante uns longos 17 dias, enquanto ea por fora se faziam os mais diligentes esforços por descobrir o seu paradeiro. Durante esse período, o sr. António Maria da Silva alimentou-se somente a leite, por meio de um tubo que passava em um orifício aberto no soalho da cozinha. E de presumir também, que teve por cúmplices nesta enocheosa evasão dois oficiais do exército, que estando ali igualmente presos, se evadiram na mesma ocasião.

A fuga foi levada a efeito por uma estreita galeria de 8<sup>o</sup>, 70 de comprimento, perfurada com este fim e cuja abertura de saída ficava a poucos metros do Tejo.



Em cima: Pavilhão destinado a prisão de oficiais e onde estava o sr. António Maria da Silva, vendo-se na muralha a abertura da galeria por onde se evadiu. — A esquerda: A abertura da saída da galeria, que após a fuga se encontrou tapada. — Em baixo: Interior da galeria. — No final, O sargento de caçadores 5, que a descobriu saindo pela abertura depois de a ter percorrido toda.

## JOSEPHINE BAKER

## A ESTRÊLA NEGRA

Há cêrca de ano e meio, pelo Outono, desembarcou em Paris uma rapariga côr de chocolate, alta, delgada, de carapinha baça, dentes alvissimos e sublimemente fadada para a difícil arte dos contorsionismos coreográficos. Vinha da América, das plantações da Virginia, onde costumava dançar nua em companhia da parentela. Tinha passado obscuramente, sem grande successo, por vários restaurantes de noite da «América sêca».

Mas o *Yankee*, sem álcool, é um pobre bruto sem perspicácia nem sensibilidade estética. E revoltada, obedecendo a um seguro instinto de selvagem, a ambiciosa mulata veio procurar na grande Cosmópole da Civilização e do Requite uma glória que os seus compatriotas lhe negavam. Quem sabe se ao largar da terra, a bordo do seu paquete, lhe não passou [na mente] o despeito clássico do «Africano» *«Ingrata pátria, ossa mea non possidebis?»*

Apenas desembarcada, dois argutos empresários de *Music-hall*, farejando um acontecimento bem parisiense, não tardaram em contrair a *Vênus* Calípgia para a «*Révue nègre*» dos «*Ambassadeurs*» à entrada dos Campos-Eliseos, no coração da Cidade-Luz.

E desde logo foi o triunfo, foi o delírio.

Com sua vedeta negra e seus motivos exóticos, a revista

negra constituiu todo esse outono, o grande successo da temporada. O «*Charleston*» ensaiava então justamente o seu desengonçado batuque, primitivo e complexo, nos *dancings* e *cabarets* mais cotados. E a criatura burlesca e pueril queo dançava prodigiosamente, com seu perfume acre dos trópicos, seus frenesis ardentes, seus gritos selvagens, limitada a indumentária a um

cacho de bananas em volta dos quadris, parecer instilado nas derrancadas veias da Grande Urbe o mesmo delírio de sensualidade brutal que a primavera do Equador entorna no seio bravo das florestas.

Da ante-câmara dos «*Ambassadeurs*» Jose-

Aos olhos simplórios dos provincianos e dos *mêcques* este quadro sublime representava o último requinte do vicio parisiense. E tal idea regulava-os.

Mas as «*Folies Bergères*» com seu quadro banal e sua antiguidade cediça, ainda não satisfaziam

inteiramente a alma ambiciosa de Josephine. De triunfo em triunfo, concebeu por fim um quadro próprio, onde verdadeiramente imperasse sobre o coração de Paris como outrora uma outra Josephine, também crioula, também vinda d'Além-Atlântico, verdadeiramente imperára.

O seu *cabaret*, arvorando insignia própria, estadeia-se hoje no coração do *boulevard* como a mais pura glória de Paris.

Todo o ser civilizado que deseje trazer da Capital do Mundo um ar acentuadamente moderno, deve passar sob a água lustral de um «*Pommery*» *três brut*, pago a péso de ouro, e aspergido pelas próprias mãos da sacerdotisa.

E assim o mundo vai, sem grandes commoções nem presunções morais, porque a *vidação dois dias*, e a sabedoria das Nações tem uma reserva inesgotável de provérbios para os mais abstrusos problemas.

Depois da guerra, dia za dia a Europa vem abdicando da sua corôa imperial, das suas veleidades de soberania espiritual, da

sua olímpica hegemonia. Hoje é Josephine Baker e o seu *charleston*, o seu *black bottom*, o seu desengonçado e simiesco batuque que destronam a pureza estética da grande Arte. Amanhã o grande lama do *Thubet* destronará definitivamente o Papado, e sob as grandes abóbas do Vaticano veremos ainda em nossos dias as romarias de fiéis iniciando-se no culto místico do Nirvãa.



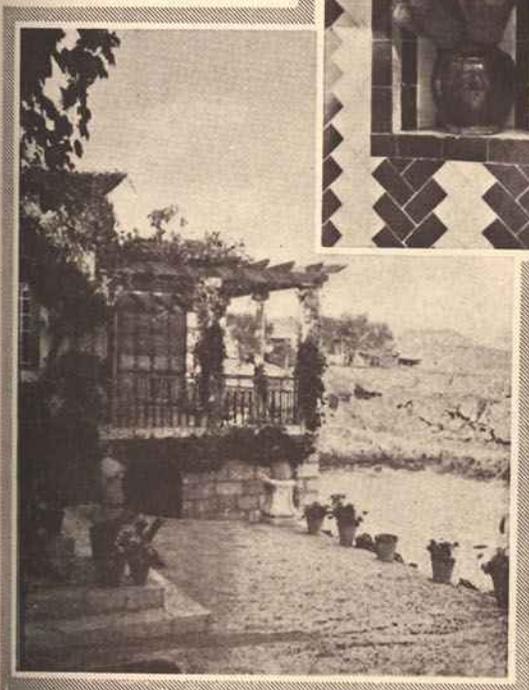
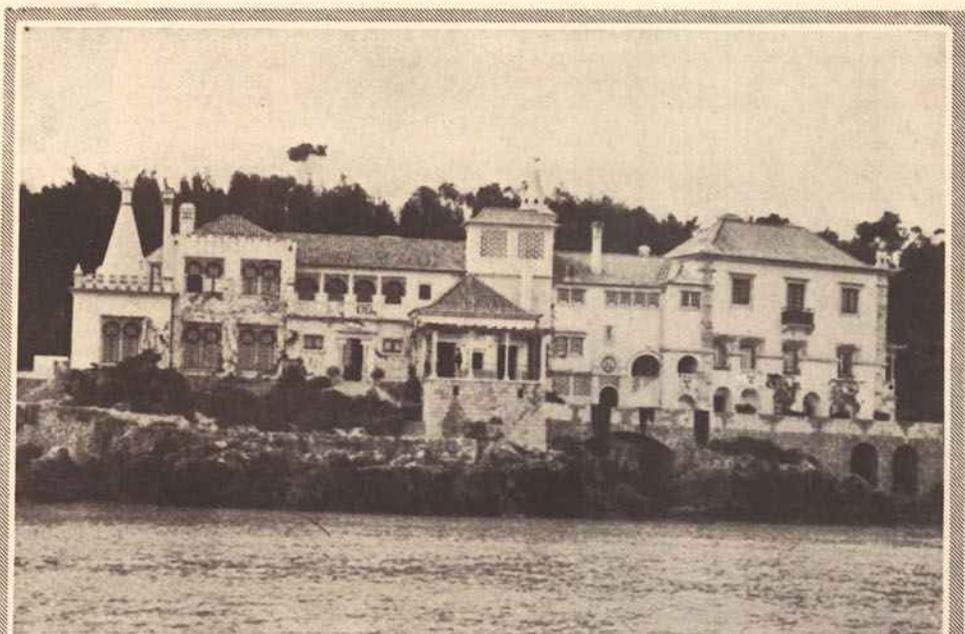
phine Baker passou, já como astro de primeira grandeza, às «*Folies Bergères*». Depois das evocações versalhescas da Córte de Luis XIV, dos requintes galantes do grande Século, irrompia em scena, sob o fulgor cru dos projectores, selvagem, luzente de cio e ferocidade, dançando quasi nua, possessa de vertigem sobre uma esfera de cacos de espelho.

# A CASA PORTUGUESA

## CASA DE SANTA MARIA, CASCAIS

PROPRIEDADE  
DO SR. JOSÉ LINO

PELO ORIENTALISMO DE ALGUNS VÃOS E PELA PROXIMIDADE DA ÁGUA, SUGEREM-NOS ESTA BELA MORADIA CERTA ARQUITECTURA VENEZIANA, OBRIGADA A UMA DISPOSIÇÃO ESTENDIDA EM COMPRIMENTO. FORAM-SE ACRESCENTANDO VÁRIAS OBRAS SEGUNDO AS NECESSIDADES DE AMPLIAÇÃO. COM ESTA DIVERSIDADE DE CORPOS, COM SEUS TERRAÇOS, ALPENDRES E RENDILHADOS, COM SEUS MIRADOUROS E JANELOS, VÃ-NOS TAMBÉM MUITO A IMPRESSÃO DAQUELES CONVENTOS ALENTEJANOS DE MISTERIOSO ASPECTO. — O EMANSHADO EXTERIOR MAL DEIXA ADIVINHAR A REGULARIDADE E AMPLIDÃO DE ALGUMAS SALAS — O CONFORTO DE TÔDA A HABITAÇÃO. — PROXIMAMENTE PUBLICAREMOS ALGUNS DOS MAIS INTERESSANTES ASPECTOS INTERIORES



# ARTES E ARTISTAS

## GRUPO SILVA PORTO

A primeira exposição do «Grupo Silva Porto» — que veio substituir, com os mesmos componentes, o «Grupo do Ar livre» — tem um ar organizado, muito de louvar. Por meio de uma panada a todo o comprimento, deu-se um aspecto mais vestido ao ensarão de Barata Salgueiro, tornando menos desconfortável o ambiente.

Em lugar de honra, sob o medalhão do pintor, está *O Barco de passagem* de Silva Porto, adorável de cor, fresca e placidez: tela de mi-nhota doçura, cheia de quietude bucólica, esplêndidamente conservada, e feita noutra tempo

obras destacantes, entra-se bem disposto, talvez exigente demais, na apreciação do recheio do catálogo, que não faz referência a parte que fica apontada.

Abre a lista Carlos Reis, em plena actividade. Entre os seus dotes, tem de incluir-se o da facilidade, uma facilidade que se compraz em vencer o difícil. Sem ela, não lhe seria possível enriquecer tão seguidamente a sua produção vasta e brilhante. *A talha vitrada*, por exemplo, absorveria muito mais demoradamente qualquer pintor, não lhe deixando tempo para apresentar,



TEIXEIRA LOPES — Busto de Teófilo Braga

Albergaria-a-Velha e Manteigas. No *Calçadaouro*, ribatejano, é onde a sua maneira melhor se reconhece, se bem um pouco mais berrante de tons. Quis-me parecer que o artista tende para uma fase menos estilizante, por mais directa.

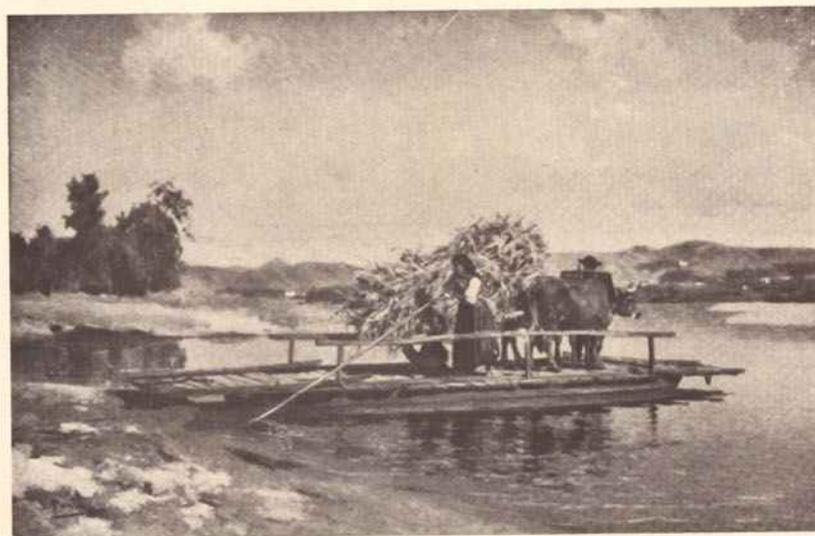
Falcão Trigoso continua a ser o pintor-poeta do Algarve e dos seus aspectos variados. São de preferir o *Vale de encantos* ou as *Flôres de neve* as *Horas de misterio* ou a *Hora da açulina cor de rosa*, menos afins do seu temperamento essencialmente lírico.

É farta a representação de Alves Cardoso, com vinte e sete trabalhos, alguns deles excelentes. A *Grande toilette* e o curioso *O Grande Conforto* devem figurar entre os quadros mais típicos do autor, que, como paisagista vigoroso, tem ainda outras boas telas.

No *Despertar do dia* e em mais alguns trabalhos de Frederico Ayres, há a afirmação de um pintor feito, a quem as marinhas seduzem. Não esqueçerei o *Atormecido*, um barco de canal, vibrantíssimo de cor.

João Reis, que trabalha com afinco, demonstra progressos muito apreciáveis, mas a nda não logrou encontrar definitivamente o seu caminho. *Uma boa proposta*, não parece do mesmo pincel da *Manhã de neve*, muito agradável, ou do rapidíssimo *No Tejo*.

MANOEL DE SOUSA PINHO.



SILVA PORTO — O Barco de passagem

cuja serenidade cantante chega a parecer um mito em nossos crispados dias. Quanta suavidade! Que maravilhoso pincel! Só por a haver trazido ao convívio dos olhos de hoje, desnoteados, o «Grupo Silva Porto» mereceria os parabéns de toda a gente de bom gosto, já que o destino fez com que este quadro de museu não esteja sempre no nosso alcance.

Flanqueiam essa obra-prima da pintura portuguesa quatro pequenos quadros de Malhoda, que se aglutina galhardamente em tão arriscada vizinhança, salientando mais uma vez a alegria exuberante da sua arte sem velhice, no *Milho ao sol*, no *Dia de inverno*, no *Carricho* e no *Presente para a noiva*.

Estranhos ao grupo, há ainda os pintores portugueses Júlio Ramos e Acácio Lino: o primeiro com uma delicada *Hora nostálgica*, e o segundo com os *Bois ao sol*.

Teixeira Lopes tem um bronze e um mármore: o busto de Rafael Bordalo para o monumento das Caldas da Rainha — e o busto de Teófilo Braga, magnífico de corte e flagrância. De Costa Mota, são o carinhoso busto de Ferreira da Silva e uma cabecinha de estudo, muito bem tratada.

Com a evocação de todas essas figuras, em

na mesma exposição, *As moleiras e Vespéras da bôla*, acompanhadas ainda por outras obras, como o *Descanso do modelo*, o ramalhante *Grande sobrebreiro*, a luminosa *Manhã no sótão*, etc.

Como inspirador do «Grupo Silva Porto», Carlos Reis caprichou em garantir, com provas numerosas, que sabe ocupar merecida e activamente o seu posto de honra.

Pela ordem do catálogo, vêm depois António Saúde, Falcão Trigoso, Alves Cardoso, Frederico Ayres e João Reis.

Saúde deixou-se enlevar pelos moínhos de água de



CARLOS REIS — As Moleiras

## FEMININA

## O REGRESSO DOS VESTIDOS-MANTEAUX

Com a entrada da meia estação, os vestidos inteiros, a que as modistas francesas deram a intraduzível designação de *robes-manteaux*, voltam a estar em pleno favor. A preferência é compreensível e acertada.

O *vestido-manteau* é prático, elegante, na sobriedade das linhas e na sábia disposição do conjunto, cómodo para tôdas as circunstâncias. O modelo que neste momento a moda nos recomenda, marca pela simplicidade do aspecto sem todavia vincar o efeito alfaiate, sempre de aspecto um tanto rígido e másculo.

O *vestido-manteau* moderno, admite pregas, vincadas ou cosidas, — tanto mais que subsiste no critério da moda primaveril a ideia de guardar a singeleza da linha esguia, direita, sem prejuizo da liberdade dos movimentos, para o que se dissimula habilmente sob pregas fundas a roda indispensável. Alguns dos modernos *vestidos-manteaux*, simulam à frente ou nas costas a linha de bolero ou jaqueta; outros mostram-nos entre o aberto dos dois quartos da frente, um comprido *empi-cementi* de tecido claro, formando uma espécie de colete o qual termina com uma alta barra do tecido do vestido, lisa ou pregueada. As golas são pouco amplas, assentes, voltadas em rebuço, terminadas com es-



treitas pontas pendentes, ou fechando à frente, a esconder o pescoço. Alguns bolsos são pretexto para a admissão de caprichosos bordados como ornamentação. Os tecidos preferidos para este género de toilettes, são: o *reps*, a gabardine, a *carminaine*, a *kasha*, a *petite duveline*, o pano setim e outros tecidos de lã, de preferência lisos. Porque é bom notar que a moda desdenha agora os

tecidos de sêda, preferindo os de lã, para a composição de toilettes de passeio. Como cores, escolheremos, a conselho da soberana da elegância, alguns tons de roxo-vinho, *campeche*, azul escuro, ou outros tons fortes, gris, beige, *bois de rose*, castanho, tabaco, e, principalmente, o preto, a elegante cor negra, sempre distinta, que se alia com um pouco de branco, a requintar-lhe o efeito de requintado *chic*.



ILUSTRAÇÃO

# O FAMOSO CARNAVAL DE NICE



A multidão de mascarados dando começo à folia numa das artérias principais, vendo-se ao fundo as tribunas para os combatentes das batalhas de flores. — O carro de S. Mageste de El-Rei Entrado, o XLIX da inclita dinastia de Nice.



Figura curiosa do cortejo rial: o tambor-mor, um verdadeiro modelo de elegância.



Um carro ornamentado, em cuja construção não sofreu poupança a fantasia

# CINEMA- TOGRAFIA

A moderna cinematografia francesa tem feito um grande e simpático esforço por tornar conhecidas em todo o mundo, através de belas adaptações ao écran, as mais belas obras da literatura do seu país. Ainda há pouco o conhecido encenador Gaston Roudés, com o concurso dos grandes artistas France Dhélia, Genica Minirio, Jean Devalde, Leon Malavier e De Romero, que não é outro senão Eduardo Romero, o gentleman bem conhecido na nossa sociedade elegante, deu a conhecer uma das mais empolgantes e melodramáticas obras do grande escritor Jules Claretie, da Academia Francesa, esse comovedor e intenso romance «O príncipe Zilah». Vejamos o argumento do sensacional filme.

..

O príncipe Andres Zilah, de velhíssima nobresa, vive em Paris entre os seus livros e a sua colecção de armas. Muito afastado das conveniências sociais, recebe uma única visita, o seu antigo perceptor Varhely, que foi outrora amigo íntimo de seu pai.

Varhely, temendo que a solidão influa sobre a saúde moral do seu amigo, comunica-lhe com grande contentamento que a condessa Dinati insiste de uma forma verdadeiramente particular porque o príncipe aceite um convite para uma das suas festas.

Zilah, intrigado, aceita o convite da condessa e compreende logo



Exasperado, Menko tentou obter de novo o amor que outrora desprezara...



... era o soberbo cão, verdadeira fera, o guarda fiel da casa de Marsa.

o mistério daquela insistência; a condessa apresenta-lhe intencionalmente uma mulher de rara beleza, Marsa Lazlo.

Compatriota do príncipe, Marsa conserva no seu coração um amor violento por tudo quanto lhe recorde a terra dos seus antepassados.

O príncipe, comovido, ouve a história de Marsa.

No decurso dum combate onde morreu o pai de Zilah, a mãe de Marsa fôra raptada por um oficial; Marsa fôra então confiada ao general Vogozki, seu tio, bom homem, muito rico e partilhando a sua afeição entre sua sobrinha e... os licôres de boa marca.

No dia seguinte a este primeiro encontro, o amor apoderou-se do coração de Marsa e da mesma maneira a imagem da linda mulher perdurou na alma do príncipe.

Mas Marsa parece querer repelir do seu coração aquele terno sentimento e em vão tenta esquecer fatigando o seu corpo e o seu espirito em longas galopadas pelas planícies dos arredores de Paris.

Mas é tudo em vão e dominada pelo amor, não podendo resistir à avassaladora paixão do príncipe, aceita por fim o casamento que este lhe oferece.

Para celebrar este feliz desfecho da sua rápida paixão, Zilah convida todos os seus amigos para uma festa a bordo do seu hiate; os primeiros convidados são, de direito, os seus com patriotas e entre eles Michel Menko a quem o príncipe estima como um irmão.

A bordo do hiate, Zilah apresenta Michel à sua noiva... e então os dois jovens reconhecem-se, perturbadíssimos. Menko amara outrora Marsa e ao vê-la outra vez, a sua paixão exacerba-se. Nunca poderá suportar que Marsa pertença a outro e muito menos ao príncipe.

Logo que volta ao seu palacete, Marsa recebe a notícia de que alguém a espera. É Menko que a assedia com novas declarações do seu amor alucinado: Marsa repele-o. Então o antigo apaixonado insiste e oferece-se para reparar o crime de abandono da mulher amada, cometido outrora, casando com ela; mas a noiva de Zilah recusa ligar-se a um homem que agora despreza. Exasperado, Menko tenta intimidá-la declarando-lhe que, a pesar de tudo, naquela noite, voltará a casa da mulher amada, como outrora. Marsa acolhe esta ameaça com uma gargalhada escarninha mas Menko afirma de novo: «Virei esta noite trazer-te as cartas que recebi de ti... e hás-de receber-me, por força!». Então Marsa, no auge do fúro, chicoteia-lhe a cara e logo que ele sai corre ao canil e solta no parque o seu cão «danois», uma fera fidelíssima que a guardará.

## ILUSTRAÇÃO

À meia noite, alguém entra furtivamente no lindo jardim rebrilhante sob o luar e Marsa assiste, da sua janela, à luta terrível entre o Homem e a fera.

De manhã, o jardineiro descobre dedadas sangrentas do intruso nas cantarias duma porta escura. O malfetor não deve voltar.

Desaparecido Menko do horizonte, ninguém poderia impedir a realização do casamento do príncipe com Marsa. O casamento, cheio de esplendor, efectuou-se, mas no momento em que o amigo do príncipe, Varhely, vai subir para o trem, um laçao desconhecido entrega-lhe um pacote com destino a Zilah. Julgando ser um presente de bodas, Varhely ao chegar a casa de Marsa põe o volume sobre uma mesa.

Chegam Zilah e Marsa e o príncipe vê o volume enigmático. Marsa compreendeu de súbito o que era o terrível conteúdo e pede ao marido que não leia. Como este insistia, a noiva exclama: «Mata-me, sou indigna de ti! ...»

Zilah lê e fulmina-a com estas palavras: «O traidor vale a aventureira!» e sai. Marsa cai como fulminada. Perdera a razão.

Passaram-se meses sem melhoras da louca e sem que Zilah possa esquecer-lá a pesar de tudo. Mas Varhely, culpado inconsciente daquele drama, sabe que o pacote continha as célebres cartas de Menko. Procura este, encontra-o em Florença, desafia-o em duelo e mete-lhe uma bala no coração.

Um telegrama anunciando a morte de Menko restitui a razão a Marsa. Seu tio Vogozki vai anunciar o acontecimento ao príncipe mas este acolhe-o friamente e segue-se uma scena violenta entre os dois homens.

Zilah, nessa noite, volta a casa em segredo, visto desconhecer a morte de Menko e suspeitar de que ele voltou. No corredor ouve a voz dum homem que dialoga com sua mulher. Precipita-se com o revólver em punho e encontra junto de sua mulher Varhely que o detem com estas palavras: «Acabou-se tudo; matei Caim» ao passo que Marsa se lança aos seus pés, chorando.

O príncipe ergue-a lentamente e aperta-a nos braços... Estava perdoada. — (Edição Aubert).

■ ■ ■

«O homem das cinco horas», um grande successo teatral no nosso país, vai ser adaptado ao écran. Foi a casa americana *Paramount* que comprou os direitos de filmagem e destina esta comédia ao repertório da sua «vedetta» Bebe Daniels.

■ ■ ■

F. W. Murnau, o realizador dos «Nibelungen» está trabalhando na casa Fox, na execução de um filme «Sunrise» tendo como intérpretes Olive Borden, George O'Brien e Janet Gavnor.



Os aristocráticos noivos chegaram a «linda noite de amor» sem suspietar...



...e Varhely, ante a cólera do príncipe disse: «Acabou-se tudo Zilah — eu matei Caim! ...»

ILUSTRAÇÃO  
PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



COIMBRA—No Mondêgo

(Cliché Garcez)



## AS COLÓNIAS PORTUGUESAS NA 7.<sup>a</sup> EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PRODUTOS TROPICAIS DE PARIS

Portugal, nesta exposição há pouco efectuada em Paris, concorreu brilhantemente com os produtos das suas colónias. O seu pavilhão marcou, destacando-se pela bela disposição do seu stand.

As nossas gravuras representam: a entrada do pavilhão, o gabinete da Direcção, vendo-se aí o sr. Dr. Armário Z. Cortesão (agente geral das colónias), Visconde de Pedralva e esposa, Guerra Malo, etc., e um aspecto da exposição.





RAMALHO—O escultor Alberto Nunes

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

## LIVROS E ESCRITORES

Quem é que, tendo transposto algum dia as fronteiras do meio literário, ainda que somente de passagem e como simples forasteiro, dêle saíu sem travar conhecimento com o velho livreiro-editor Aillaud, figura das mais gradas desse meio? Passante dos sessenta anos, mas ainda robusto de corpo e espírito, se por momentos uma pontinha de neurastenia lhe altera o gênio, não tarda muito a reagir e a encarar os factos com a solicitude e o optimismo antigos. Escurá-lo quando êle se põe a remexer memórias, evocando os casos mais notáveis da sua longa vida profissional, êle que há muito é, por unânime consenso, o *leader* da sua classe e já-mais se esquivia a empunhar o respectivo bastão de comando sempre que o livro sofre ameaça na sua expansão, é coisa verdadeiramente deliciosa para quem, por munia ou gosto, se interesse a valer pela actividade das letras. Agora a página de uma obra que pelo seu relêvo artístico o fascinou e de que êle cita com fidelidade frases inteiras, acontecendo até pertencerem algumas dessas obras suas predilectas ao número daquelas que, por incompreensão da

que ao apelido patronímico prendeu o da importante casa editora que tomou a seu cargo e a que tem dado extraordinário impulso, sob essa feição de livreiro de que tôda a gente dá fé, inclui outra que nem de todos será conhecida: a de militante da erudição, a de intelligente e pertinaz estudioso. O lançamento, ocorrido há semanas, do seu *Novo Atlas Universal de Geografia e Historia*, refundido e actualizado, dá-nos pretexto a encarar-lo sob êsse aspecto.

Enamorado pela matemática, em que talvez veja, como Poincaré, a «poesia dos números»; saboreando com paladar de entendido os clássicos da nossa linguagem, o que o levou, com a antecipada certeza de a grossa pecúnia aí empregada ser pouco menos que deitada à rua, a erguer êsse belo edificio das *Antologias*, que é a prova mais flagrante de que esta nossa terra não passa de terra de ingratos e de ignorantes relapsos; interessando-se a fundo por investigações bibliográficas, em virtude do que andou há tempos pelas bibliotecas da França entregue a beneditinas pesquisas; por último, labutando quotidianamente e com afã singular para a sua idade num abundante dicionário — êste prestimoso homem, a quem alguns dos seus editados, como Aquilino e Carlos Selvagem, chamam carinhosamente *pai Aillaud*, foge muito ao tipo tradicional dos homens de negócios, cuja única preocupação é extrair o máximo lucro do trabalho a que se applicam: na personalidade dêle brilham intuítos mais nobres e de elevado expoente mental.

O seu aludido *Atlas*, em que, desta feita, no sentido de o aperfeiçoar e a modos dessas transfusões de sangue tão usadas pela terapêutica moderna, aparece como coautor Luiz Schwabach Lucci, professor dos liceus e assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, que tem trazido a lume alguns bem acolhidos livros e opúsculos da especialidade. — se realiza por completo a sua função didactica, seu principal objectivo, não se fica por aí: vendo bem, é obra de excelente consulta para tôda a gente, mesmo para a que há muito deixou de pulir fundilhos em bancos escolares. Pois quem se gabará hoje de trazer certos e em dia seus conhecimentos geográficos, depois da tremenda barafunda da Grande Guerra, que rompeu fronteiras, parcelou estados, arrazou troncos, mais daninha e ilógica em seus efeitos do que um violentissimo terremoto?

Com a parte histórica relativa a Portugal e colônias muito desenvolvida, coisa que nos atlas estrangeiros, evidentemente, não se encontra; abrangendo noções de geografia parti-

cular a cada continente, país ou região, nos seus aspectos físico, histórico e económico; registando já alterações políticas ocorridas em 1925; — êste trabalho não necessita de palavras amigas que o recomendem.

O escrúpulo e o cuidado extremo com que foi ordenada a matéria dos seus 118 mapas, e em que, além da dos dois consócios na autoria desta edição, há a mencionar ainda a ingerência, restrita a certos pontos especiais, de individualidades de grande relêvo na sciência, como o dr. Leite de Vasconcelos na dialectologia, o dr. David Lopes na parte das Conquistas Portuguezas em Marrocos, etc., dão-lhe jus a ser considerado como o mais perfeito atlas que entre nós tem obtido estampa. O que se diga em contrário é simples prurido da maledicência indigena, ou então ciúmeira de officiais do mesmo officio.

*Canto de Cisne* é obra filha dum talento feminino. Sobre ella, porém, esvoaçam crepes. E livro póstumo. O cisne, como é da lenda, cantou — e morreu. Sara Serzedelo, cujo perfil a distinta escritora Maria Madalena esboça no prefácio, aproximando a sua vida, efêmera e tão cedo ulanceada de tristeza, da de Maria Bashkirtseff, a eslava cujo *journal* não se consegue ler sem que as lágrimas nos assomem aos olhos, deixou nos versos dêste livro o testemunho duma sensibilidade delicadissima, bem-fadada para a criação poética. Hesitações na sua técnica, numa ou noutra composição: Que importa? A melancolia que se desprenda dêstes carnes, a bondade que os atreola, a acalentadora fé na pátria e nos mais puros ideais que êles persistentemente traduzem, fazem-nos curvar perante a memória



Júlio Monteiro Aillaud

critica e do público, ficaram sem venda compensadora dos gastos da edição; logo a maneira como escancarou as portas de ouro do êxito a certos consagrados de hoje, então obscuros e tímidos candidatos à glória, como Eugénio de Castro, o cinzelador dos *Oaristos*, António Nobre, o elegiaco do *Só*, António Correia de Oliveira, o religioso tropeiro do sentir lusitano, e tantos outros: — ouvi-lo desfiar essas lembranças, tão gratas à sua intelligência e ao seu coração, equivale quasi a folhear um bom capítulo da história da literatura contemporânea.

Sabendo como poucos descobrir o mérito de um original, em seguida fabricá-lo em volume e timoná-lo depois no oceano, nem sempre bonançoso, da publicidade — Júlio Monteiro Aillaud,



Luiz Schwabach Lucci

da sua autora. Contas, contas severas, não as devemos pedir a ella, que espalhou quanta beleza pôde em seu caminho; pegámo-las antes à morte, que pôs tão breve termo a essa manhã

## ILUSTRAÇÃO

gorgueada de cânticos e cheia de sol, esmagando-a de súbito sob o silêncio e sob a treva.

Fim bememérito tem o produto da venda deste volume, cuja feitura gráfica é primorosa: custear melhoramentos do Hospital do Rêgo, na enfermaria dos tíficos.

Voltamos a estar em contacto com a literatura mundial, através de traduções dos seus autores mais lidos e discutidos. As nossas velhas colecções dessa índole reconstituem-se, regressam a terreiro; e, a par, surgem outras novas, como a *Colecção de Hoje*, duma activa livraria portuguesa, da qual já possuímos três volumes: *O preto que tinha a alma branca*, de Alberto Insua, um dos novelistas mais vigorosos que actualmente escrevem em língua espanhola, e *Sua Reverendíssima entre os Ricos e Sua Reverendíssima entre os Pobres*, ambos de Clément Vautel, um autor que está obtendo grande êxito em França, e não só lá, porque a esta hora já as suas obras correm, traduzidas, todos os países da Europa. No romance de Alberto Insua, que Aurora Jardim Aranha trasladou com muito brilho para a nossa língua, estuda-se duma maneira original, viva, incisiva, a psicologia em geral da gente do teatro e, especialmente, a dum bailarino de *music-hall*, que, tendo a desgraça de ser negro, se apaixonou por uma linda mulher branca. Os atributos de bondade e de nobreza espiritual que o autor emprestou a essa curiosa figura quasi o empurram para o *Flores-Sancionum*, para o seio da corte celestial. Há ali manifesto exagêro, mas isso não empalidece o interesse da leitura, que se faz seguidamente, na ansiedade de conhecer o desfecho da fábula. Em volta da paixão do negro artista pela grácil mulher que tanto o fez sofrer, Alberto Insua agita a farândola dos profissionais da ribalta, os de primeira plana e os comparsas, com suas insidias, suas invejas, seus grotescos e, por vezes também, seus rasgos de generosidade. Muitas dessas figuras parecem-nos mesmo mascarilhas apenas, pois sob elas adivinham-se personalidades verídicas e notáveis da scena espanhola hodierna, cómicos e dramaturgos de póipa.

Os romances de Clément Vautel, — cujo êxito vertiginoso, excedendo talvez o que alcançaram ainda há pouco Pierre Benoit e Victor Marguerite, dois aões, como se diz modernamente, das grandes tiragens, está fazendo ferro aos seus confrades, — desenvolvem sua acção, que num é seqüência da do outro, em redor do reverendo Pellegrin, padre que fez a guerra e trouxe da vida das trincheiras e do convívio com os *pauis* uma linguagem aere, cheia de pitoresco e imbuída de sinceridade, que depois não hesita em empregar mesmo do alto do púlpito. Ingênuo a maneira dos primitivos apóstolos, os seus sermões propendem ao regresso do cristianismo às tra-

dições evangélicas, tão esquecidas, tão adulte-radas através dos tempos. Mas êsse tom de pregar a doutrina, pelo seu carácter insólito, provoca o escândalo no alto clero e, a par, um fluxo de popularidade em volta do bom cura. E os episódios sucedem-se, qual dêles mais curioso. O processo literário de Vautel, tanto nesta personagem como nas muitas outras que se mexem nos seus livros em questão, é, evidentemente, o da caricatura, algumas vezes mesmo a traço grosso em demasia. Páginas há que são de verdadeira sátira, fustigando os falsos religiosos e os cabotinos da politica. E é isto, sobretudo, que constitui o atractivo, e bem decisivo, das obras de Vautel, que, não gastando paciência com embelezamentos de estilo e não aspirando também a ser lido por educandas de conventos, autopsia com crueza a sociedade contemporânea, tão vivada de tartufismo e de vício. Traduziu êstes dois livros de Vautel o nosso camarada de imprensa Oldemiro Gêsar, sendo da mais elemental justiça assegurar que êle o fez com rara pericia, vencendo as bastas dificuldades que o original, pelos muitos termos de giria provindos das trincheiras que emaltam seus diálogos, apresenta.

Para contrabalançar esta literatura sem preoccupações de agradar ao público de menor idade na malícia da vida, publicaram-se agora tam-

### DEZ MIL ESCUDOS

*é quanto a Illustração destina aos vencedores do*

### CONCURSO LITERARIO

*aberto nas suas páginas, entre os romancistas e novelistas da nossa terra.*

*Essa importância será dividida em dois premios iguaes, que competirão: um, ao livro que um jurado eleger como o mais perfeito, quer quanto a idea, quer quanto a forma; o outro, ao livro que, por votação dos leitores desta revista, for indicado como seu preferido, ou seja aquele que mais profundamente os conseguiu impressionar. Desta maneira, a critica e ao publico não será negado o direito, que a ambos assiste, de se pronunciarem sobre a materia.*

*Tais como ficaram definitivamente assentes, as bases principaes do nosso certame, que constitui um dos numeros da*

### FESTA DO LIVRO

*que se projecta levar a effeito em volta do 1.º de dezembro proximo futuro e cujo programma ainda se encontra em estudo, são as seguintes: 1.º — So podem concorrer os livros originais, de romances ou novelas, cujo texto exceda 200 paginas e, sendo de autoria portuguesa e editados em Portugal, tenham vindo ou venham a lume desde 1 de outubro de 1926 a 30 de setembro de 1927 corrente; 2.º — Os editores dos referidos livros devem enviar-nos cinco exemplares de cada um deles, para serviço do júri, escrevendo nitidamente no envelopo «Para o Concurso Literario da Illustração».*

*Já se encontram inseritas as obras: Solteiros, do sr. dr. Vaz Ferreira; Andam Faunos pelos Bosques, do sr. Aquilino Ribeiro; e Dever Sagrado, do sr. João Amaral Junior.*

bem dois novos volumes da *Biblioteca do Lar* destinada, é fácil de supôr, exactamente a êsse público que não pode ler nem Insua nem Vautel nem quejandos senhores das letras sem papas na lingua. Esses dois volumes, por assim dizer, castos, são: *As Auroras*, de Antonio Zozaya, grande nome das letras espanholas, e *Dona Quichotta*, de Georges de Peyrebrune, autor que evita cuidadosamente os assuntos escabrosos e, portanto, está na conta, em relação aos intuitos da Biblioteca em referência. Nas *Auroras*, série de novelas conduzidas magistralmente, a protagonista comum a todas elas é a infância. Zozaya descreve-nos ali a vida de muitas crianças, tal como ela é, já cheio de infortunio, já toldada de nuvens, já apertada em ferreas cadeias. Escravos dos pais e dos professores, que, muitas vezes com a melhor intenção mas sem a menor intuição psicológica, as querem converter em *meninos protigios*, em assombrosos sábios liliputianos, — a alegria cedo se lhes esvai das almas, cedo a melancolia lhes tolda os olhos que haviam nascido para as grandes claridades, muito depressa o fardo dos pesados deveres lhes é arremessado para os ombros dêbeis. Antonio Zozaya escreveu, assim, uma obra que todos os que sejam pais devem ler e meditar. Cada uma das suas novelas, no caso que pinta, parece advertir-nos do caminho errado que leva a educação moderna. E a sua síntese é esta: libertam êsses pobres escravos sem culpa! deixem-lhes gozar as delicias da vida em seu tempo próprio!

*Dona Quichotta* apresenta-nos uma simpática figura de rapariga moderna, sem os exagêros caricatos e amorais que soi attribuir-se à mocidade feminina dos nossos dias. A Germana a que o autor dá o primacial papel no seu livro é modelar de virtudes, generosa em todos os seus actos, roçando até pela heroicidade. Esquiva ao amor, êste vence-a por fim, para um destino nobre, para a função dum lar sagrado, pelo entendimento perfeito de duas almas. Estas soluções, benéficas, sentimentais, são do especial agrado do leitor feminino: *Dona Quichotta*, por isso, há-de obter o seu beneplácito. Traduções, boas, respectivamente, de Novais Teixeira e Florbela Espanca Lage.

Sem a nota de novidade, mas nem por êsse motivo menos digno de registo, em vista do largo renome do autor e do facto de tãis obras se encontrarem há muito exgotadas, deu-se agora o aparecimento de novas edições dos três livros muito apreciados, sobretudo o primeiro dêles, de Blasco Ibañez: *A Catedral*, *Jesuitas* e *Corteã de Sagunto*. São obras da primeira fase do fecundo novelista espanhol, e por isso mesmo talvez mais bem construídas e mais espontâneas do que aquelas que êle depois publicou e que tamanho número somam já. Com capas vistosas, bem cuidadas graficamente, quem dê apreço à leitura não lhes deve fazer negaças.

# HISTÓRIA TRISTE

Aquele tipo esgalgado, de bigode pendente, que eu via com as mãos enterradas nos bolsos do casaco, solhido de frio, à porta dos cafés, e de quem fugia desde há tempos porque dera em pedir-me dinheiro sempre que a geito me pilhava, conhecera-o quinze anos antes, escovado e digno,



sempre açodado com embrulhos debaixo do braço, ou de lápis na orelha, com seu casebeque de cotim, à sua carteira de guarda-livros da firma J. Domingos & C., com escritórios na Rua de S. Julião.

Tinha uma história, e uma história triste: aquele pobre-diabo que dir-se-ia um farrapo de cartaz despedaçado de duma esquina, a baloiçar ao vento, com seu Jacies exangue de vencido. E era-o, na realidade, pelo mais estranho sarcasmo do Destino esse *habitué* perdido dos boteguins, que dia e noite, dès que abriam até que fechavam, êle percorria mordido pelo vício inelutável, engulindo cálices sobre cálices.

Eu disse que a sua história era triste. Acreditem que não exagerei. Os desgraçados que nunca conhecemos senão desgraçados não nos comovem demasiado. A gente afaz-se a tudo, até à injustiça. A beira dos abismos também se vive. E o céu, mesmo quando os miseráveis coçam o puz sêco das feridas, reluz com tão suave carícia... Mas o espectáculo dalguem que conhecemos contente, desafogado, feliz, — tanto quanto pode sê-lo uma criatura racional e sensível — precipitado no fundo limoso da miséria, deixando-se ir na torrente como uma *égave*, é horrível, — faz calafrios!

É o caso do pobre-diabo do bigode pendente. A sua história é um drama impressionador. Não que lhe dêem relêvo os fortes lances que os dramaturgos apeteem para a urdidura das suas peças, ávidos de abalar as plateas, por via de regra esquivas aos dramas íntimos, tecidos de fibras esmagadas na obscuridade e no silêncio. Conta-se em duas palavras e merecia que a illustrasse o lápis dum incisivo anotador de trágicos perfis nocturnos que o nevoeiro e o clarão dos lampeões esfumem, transfigurando-os em fantasmas.

Chamava-se Teles. Todos o conheciam pelo Teles, guarda-livros. Tivera uma mulher, fôra pai e — justo é que o acentue — modelo de chefes de família. O seu maior deleite era levar rôdas as noites para casa uma coisa qualquer de utilidade caseira ou um presente para a mulher ou o garoto, que êle, detidando os bofes pela boca fora, ia comprar quando saía do escritório: meia dúzia de colheres, um candeiro de mesa, uma camisola para o pequeno, fôsse o que fôsse que êle tivesse ouvido dizer a senhora que fazia falta em casa. Viviu com certo desafogo na sua mediania de pequenino burguês paçote. As noites raras vezes saía, quasi sempre para ouvir alguma conferência que os jornais noticiavam sobre assuntos que o interessavam: questões económicas em foco. Nos cafés era raríssimo entrar e, se entrava, não se demorava porque não havia modo de suportar a sua atmosfera fumarenta e tumultuária carregada pelas vaporações da politica em ebulição. Era o que

bem poderia chamar-se um animal doméstico. Quando lhe apeteia uma distração logo desfechava sobre a mulher:

— Lina! Arranja-te e ao pequeno, que vamos hoje ao teatro!

E era com satisfação muito regalada, muito sincera, que o Teles — o Teles, guarda-livros — muito correcto, com a esposa e o pimpolho, se dirigia para a bilheteira e se refestelava na sua cadeira para gosar o espectáculo. O círculo das suas relações era estreito: com quem se davam mais era com a familia Serzedelo — pai, mãe e duas filhas — a mais nova das quaes, a Madalena, tocava piano «que era um gosto ouvi-la» na opinião continuamente repetida da D. Paulina Brillhante, grande *habituée* de concertos e também visita da casa do Teles, que fôra amigo do marido. E poucos mais tinham entrada no 3.º andar onde o Teles construiu o seu ninho familiar: o Oliveira dos olhos, também guarda-livros, o seu mais velho e íntimo amigo; com quem o Teles, antes do cházinho, se entretinha palestrando sobre pequenos casos do comércio, muito por alto de politica: — «Oh! filho, estás enganado. Se o Banco Ultramarino não tivesse a protecção dos governos... Pois é claro!» — os esposos Medeiros — que a dona da casa tivera como vizinhos de escada na Estefania; a D. Evarista e a sobrinha, sempre muito encolhida, sempre com tosse e umas grandes olheiras, que o Teles ao deitar-se, comentava para a mulher, dizendo:

— Reparaste na Timinha? Cada vez mais chupada, mais olheirenta! Esta pequena se não casa — mirra-se!

Durante oito anos Teles foi feliz. A mulher era-lhe dedicada: o pequeno saudável e meigo. Por outro lado, como guarda-livros, havia mais de seis annos que servia a contento dos dois socios a firma J. Domingos & C. As suas ambições não excediam a sua capacidade. A existência desliziava para êle sem solavancos, nem inquietações, apenas perturbada pela pneumonia que tivera a mulher vinte dias de cama, com êle a cabeceira, solcito, a dar-lhe remédios e a aconchegá-la.

Um dia, porém, o Oliveira dos olhos, o seu grande amigo, o seu íntimo, chegou-se a êle com certos ares de mysterio e disse-lhe:

— Teles! Sabes a amizade que nos une há tantos annos. Greio que nunca duvidaste. Teles! Olha que são vinte annos certos de boa amizade... O que vou dizer-te há três dias que me doi cá dentro. Hesitei. Reflecti. Digo, não digo... Escuta. Tu não duvidas. Teles, do teu velho amigo Oliveira, do Oliveira dos olhos, como dizem. Estas coisas custam...

— De que se trata, então? — gemeu Teles, com uma expressão ansiosa, quasi angustiada.

— Tua mulher, a Lina não te é fiel!

Dir-se-ia que uma marretada tombara sobre o crâneo do Teles, que, estontado pelo golpe, vacillou nas pernas, fazendo-se terrivelmente pálido.

O que se passou a seguir, as indagações alheias, a certeza esmagadora, as lágrimas choradas com a cabeça encostada as mãos, numa cadeira, entre soluços, com o Oliveira a querer confortá-lo, falando-lhe no filho — «que diabo! são desgraças, são, tu compreendo este transe, mas tantos as teem sofrido!» — não vale a pena referi-lo. Um ano depois, com o periz pela mão, o Teles, decretado o divórcio, instalava-se na sua nova casa.

Eu que o conheci antes desta catástrofe posso asseverar que as derrocadas morais são, electivamente, devastadoras, porque o Teles, no espaço dalguns meses, envelheceu uns poucos de annos. E fôra impressão a quem não ignorava o seu caso e supunha avaliar o que para aquele homem representava a destruição do seu lar, vê-lo com o pequeno pela mão, subindo a Avenida, parar ao pé do coreto, se alguma banda regimental ali dava concertos, ou à mesa duma leitania, com o pequeno sentado na sua frente, dando-lhe bôcos, cheio de ternura, com um vago ar de fadiga e melancolia. Passou outro anno. Eu dei-me de ver o Teles, que, transitando de casa não sei porquê, estava agora empregado para o Poço do Bispo. E uma tarde, por acaso, falando não me lembra

com quem, o Teles veio à baila e soube então que uma nova fatalidade desabara sobre o pobre homem: o filho morrera, vítima duma meningite, uma coisa horrrosa, lancinante, que pusera o Teles como doido!

O segundo degrau que êle desceu para o descalabro definitiva foi este e avalie-lhe o tamanho quem tenha roçado alguma vez por uma brutalidade semelhante do Destino. Depois... Dois annos mais bastaram para que, amarrado pela desgraça, roído interiormente pelo azêbre da amargura, o Teles fôsse resvalando até o sr. Araujo, que era o patrão, o chamar de parte e dizer-lhe:

— Tenho querido evitá-lo. Mas hoje sou forçado a dizer ao sr. Teles que em vista do seu trabalho não corresponder ao preciso me verei obrigado a dispensar-lhe os serviços...

O vício do alcool apoderara-se dêle. Bebia de manhã até à noite. Bebia para esquecer, bebia para afogar o tédio, bebia para queimar fôsse o que fôsse que lhe ardia dentro, bebia para ficar bêbedo. O seu trabalho resentia-se do oblitramento das faculdades. Notavam-lhe descuidos, lacunas, erros até. E raro era o dia em que chegava a hora e não fazia a sua sortida para ir perto, fôsse onde fôsse, tabernas mesmo, bebericar o seu copinho. Resvalava, tombava, ia-se afundando.

— Qual desgraçado, nem meio desgraçado! — barafustava o sr. Araujo. — Um bêbedo é que êle é. Um relaxado! Qualquer dia acabo com considerações e ponho-o na rua!...

E assim aconteceu. Despedido da casa, o Teles começou a submergir-se suavemente no fôdo, a ir para baixo, cada vez mais para baixo. Meses depois não tinha onde dormir. Foi bater ao ferrêlho do Oliveira dos olhos, o velho amigo, o íntimo que não lhe faltava nunca as quintas-feiras para o chá, e êle deu-lhe dez escudos. Dias depois mandou dizer que não estava... E a mão do Teles, mão exangue e miserável, começou a estender-se aos amigos, aos simples conhecidos, aos outros.

Fêz-se esquelido. O fato bailava-lhe no corpo — todo ossos. O bigode, os cantos da boca, caia: os olhos tinham uma fixidez vitrea, a estupidez vaga dos olhos dos alcoólicos. Tresandava a vinho e a febre. Parecia outro em tudo. Rondava os cafés. Nalguns acabaram por o nem o deixarem entrar. Já era conhecido.

— Não jantei ainda. Se V. Ex.ª me pudesse acudir com algumas corações...

A sua figura angulosa, desgastada, caricatural, punha uma nota macabra nos passeios, recordando-se nas paredes, o busto pendente, o chapêu amarranhado, o colarinho sujo, lívido, abortido, lamentável. Os que passavam por êste pálido transeunte não presentiam o drama terrível que êle resumia e vivera até às fezes. A gente nas ruas acotovelava tudo: o desespêro, a loucura, tudo, sem que o pressinta. A sensibilidade humana é ainda bem grosseira, bem imperfeita!

Pois esta triste historia do Teles guarda-livros acaba de me recordar *O Século* nas três linhas sêcas desta noticia por acaso caída debaixo dos meus olhos:

O guarda-civil n.º 358, da esquadra da Alegria, encontrou a madrugada passada, caído por doença num banco da Avenida, um individuo que, lá sem fala, foi conduzido pelo referido agente ao Hospital de S. José. Levado para a sala das observações fôlleja pouco depois de alli ter dado entrada. Aparentou tratar-se de Alfredo Maria Teles, de 43 annos, empregado commercial.

BOURBON E MENESSES.



## ILUSTRAÇÃO

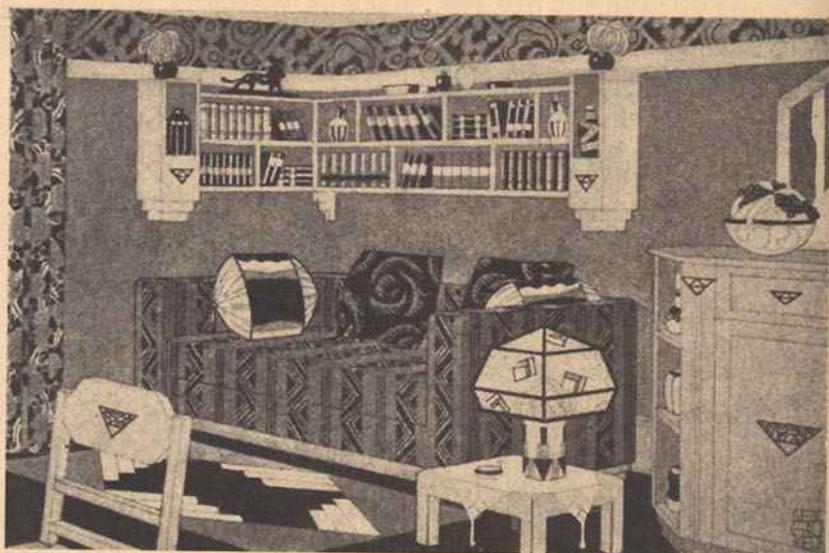
# COMO SE PODE INSTALAR UMA CASA COM ELE- GÂNCIA E ECO- NOMIA

As condições econômicas da vida presente e ainda as suas exigências requintadas de elegância e conforto, torna hoje deveras embaraçosa a instalação dum lar. Tudo é caro, caríssimo. Duas ou três peças de mobiliário, modestas, indispensáveis, custam actualmente tanto como há alguns anos custaria a guarnição completa, luxuosa, duma casa.

E todavia, os casamentos não cessaram... O amor, infiltrando-se nos corações moços, voejando pelos cérebros povoados de visões lindas, continua na sua tarefa de sempre, apertando laços de afecto, abrindo aqui e além clareiras iluminadas pelo sol da esperança — lãres novos, novos templos erguidos na floresta da Vida, à ventura, ao sonho, e... — tantas vezes!... — à ilusão...

A primeira dificuldade em que tropeça hoje um casal modesto, em trabalhos de construção dum ninho, é a casa. As rendas são exorbitantes; quem principia trilhando a estrada das responsabilidades, raro pode reservar várias centenas de escudos para pagamento mensal do teto a que se abrigará. Assim compreende-se que terá de prescindir duma casa grande, sempre cara, acomodando-se em quatro ou cinco compartimentos. Por muito elevada que seja a renda duma casa pequena, sempre será mais acessível a um orçamento modesto do que a duma casa grande. Basta saber aproveitar com inteligência um resumido número de divisões, e tirar delas todo o partido possível em proveito do conforto e da comodidade. A casa de jantar, exclusivamente reservada para esse fim, é hoje frequentemente dispensada.

A única sala servirá conjuntamente para sala



de visitas, de jantar e de trabalho — e, quando Deus quere, ainda de quarto de dormir... — É claro que o mobiliário será inteligentemente escolhido para prover com vantagem a todas essas múltiplas aplicações sem desagradado estético.

Uma mesa colocada no centro da casa, coberta com um lindu napperon, conterá durante o dia revistas, livros, flores, etc. Um móvel no género do que se antevê na primeira gravura, sem linhas acusativas de género e aplicação definida, guardará no interior as louças e vidros, fruteiras, etc., e mostrará nas *dagères* laterais

e sobre o tampo, bibelots, *potiches*, etc. Uma pequena mesa baixa colocada num canto, junto dum amplo divan estofado atulhado de caprichosas almofadas, servirá para suporte de um candeeiro moderno; e nas horas das visitas, para servir o chá. Algumas cadeiras elegantes; o chão encoberto, meio coberto com uma *carpete*; as paredes forradas, em lambrí alto,

com papel liso, e na parte superior com outro de fantasia, quanto possível semelhante ao tecido dos estofos

e das *portières*; uma elegante biblioteca de parede guarnecida com livros escolhidos e *bibelots*; algumas telas; um espelho, sobre o móvel armário; completarão o conjunto desta elegante sala moderna onde se pode lêr, trabalhar, receber visitas e comer, sem que, em qualquer circunstância, nos sintamos deslocados num meio impróprio, mal preparado. Pelo que respeita ao quarto de dormir, um simples olhar passado pela gravura da esquerda, mostra como basta um destes leitos modernos, um *maple*, uma pequena mesa-biblioteca, um candeeiro, um espelho e alguns

almofadas, para guarnecerem um quarto-*boudoir* de encantador efeito. A cozinha, com a adopção do fogão a gás, petróleo ou electricidade, perde o seu tradicional aspecto desagradável. A cozinha moderna é hoje uma sala alegre, reluzente na brancura dos azulejos e dos móveis pintados a ripolin branco, no encerado cuidadoso do parquet, nas reverberações douradas ou prateadas da baixela e dos metais. Quantas noivazinhas modestas, que não podem ter criada, servem, para economia de trabalho e de tempo, o jantar na garrida cozinha que, como gentil e

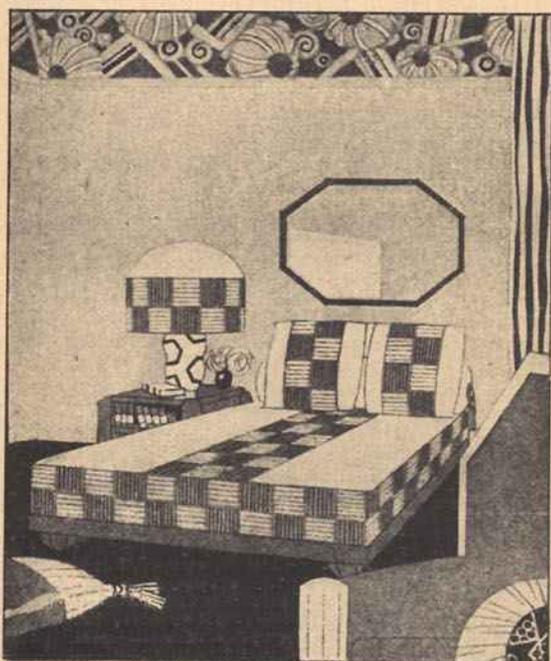


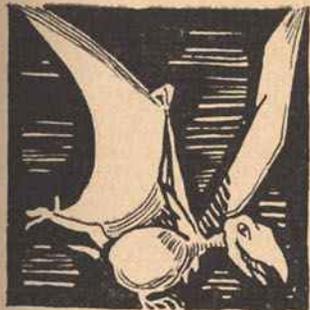
deligente dona de casa, trata com o desvelo e esmero devidos ao culto do coração do lar! Na casa de banho, onde a brancura dos esmaltes e dos azulejos se repete, um espelho sobre uma prateleira de cristal, onde se alinham os utensílios de toilette; uma banheira, um lavatório de porcelana preso na parede, e ainda um guarda-roupa ripolinizado de branco, compõem um recinto próprio para proceder às lavagens e ainda à mais cuidada toilette.

E aqui está como um casal se pode instalar confortável e elegantemente numa pequena casa que se divide apenas em quatro compartimentos.

E que, — viver não custa... o que custa é saber viver!... — diz a filosofia popular, sempre lèrtil em reparos judiciosos e conselhos sensatos.

E *saber viver* é em grande parte, saber criar à volta do nosso coração e do nosso espirito, um ambiente de grato conforto, serena paz, iluminada alegria.

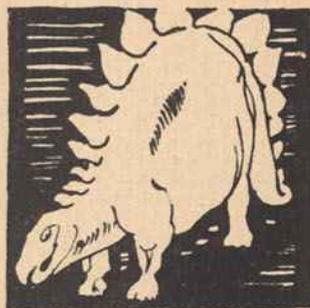




# O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 29)

— Posso garantir-lhe que tenho corpo suficiente para lutar sozinho e que não preciso para nada da sua simpatia. Sim, sozinho no lugar da luta, que é onde me sinto à vontade. Mas abreviemos. Esta entrevista não terá grande encanto para o senhor e a mim aborrece-me imensamente. Salvo erro, o senhor tinha quais-quer observações a apresentar-me acerca dum das proposições da minha tese?

Esta maneira de pôr a questão não ++ prestava a evasivas. Cumprira-me, portanto, esquivar-me a ela, procurar um expediente propício ao meu fim. Longe do professor, tinha-me parecido fácil a empresa. Mas iriam abandonar-me as minhas qualidades de irlandês precisamente num momento em que tanto necessitava delas?

Challenger trespassava-me com o seu olhar de aço.

— Explique-se! — rugiu ele.

— Eu não passo dum modesto investigador, pouco mais sou do que um apaixonado amador... Todavia, parece-me que o senhor é excessivamente severo com Weissmann. O estado dos factos não tenderá, actualmente, para a... consolidação da doutrina de Weissmann?

— O estado de que factos? — perguntou Challenger, com assistadora calma.

— Sim, com efeito, não existe um só que constitua, no sentido rigoroso da palavra, uma prova. Eu aludia simplesmente àquilo a que chamarei a tendência científica geral do pensamento moderno.

Ele inclinou-se, como se estivesse muito interessado.

— O senhor sabe,

Julgo eu — disse Challenger — que o ângulo craniano é um factor constante?

— Naturalmente — concordou eu.

— E que a teleonomia é uma hipótese ainda contestada?

— Sem dúvida nenhuma!

— E que o óvulo é diferente do ovo partogénético?

— Certamente! — exclamei, soberbo de audácia.

— Mas o que é que isso prova? — perguntou ela com um doce tom de voz, que parecia procurar convencer-me.

— Com efeito, o que é que isso prova — murmurei eu — o que é que isso prova?

Ele arrulhou:

— Quere que lho diga?

— Faz-me favor...

— Isso prova — urrou ele numa súbita explo-

são de cólera — que o senhor é um embusteiro sem vergonha, um dêsse miseráveis cuja ignorância emparelha com a impudência.

Levantara-se dum salto, os olhos esbogaçados. A pesar do momento ser crítico tive tempo de notar, com grande surpresa, que, de pé, ele me dava só pelos ombros e que toda a sua formidável vitalidade se tinha desenvolvido em largura, espessura e em volume cerebral.

— Tudo isso em que há pouco lhe falei — gritou-me ele, inclinado para a frente, o pescoço estendido, as mãos espalmadas na mesa — não passava dum simples algaravia científica. Com que então o senhor, cujos miolos cabem numa casca de noz, pensava que podia lutar

rizo-o a isso, mas tudo tem limites e o senhor não me tocará.

— Julga isso?

Começou a avançar para mim, em passadas vagarosas e calculadas, com ar de ameaça, mas de súbito parou e, metendo as grossas manípulas nos bolsos do casaco, disse-me:

— Tenho tido já, por mais de uma vez, ocasião de pôr pela porta fora alguns jornalistas.

O senhor deve ser o décimo quarto ou o décimo quinto. Três libras e quinze shillings de multa, é a tabela. E um pouco caro, mas é indispensável. E porque é que o senhor não há-de seguir o caminho dos seus colegas? Parece-me que já demasiadamente o mereceu.

Retomou a sua lenta marcha de hostilidade, com movimentos de mestre de dança.

Eu podia correr para o hall, mas um tal gesto teria sido covarde. De resto, uma cólera bem natural começava a aquecer-me. Eu tinha sido um tanto desrazoável com ele, mas a sua atitude enchia-me agora de razão.

— Tenha a bondade de conservar as mãos a distância. Não lhe admito que me toque.

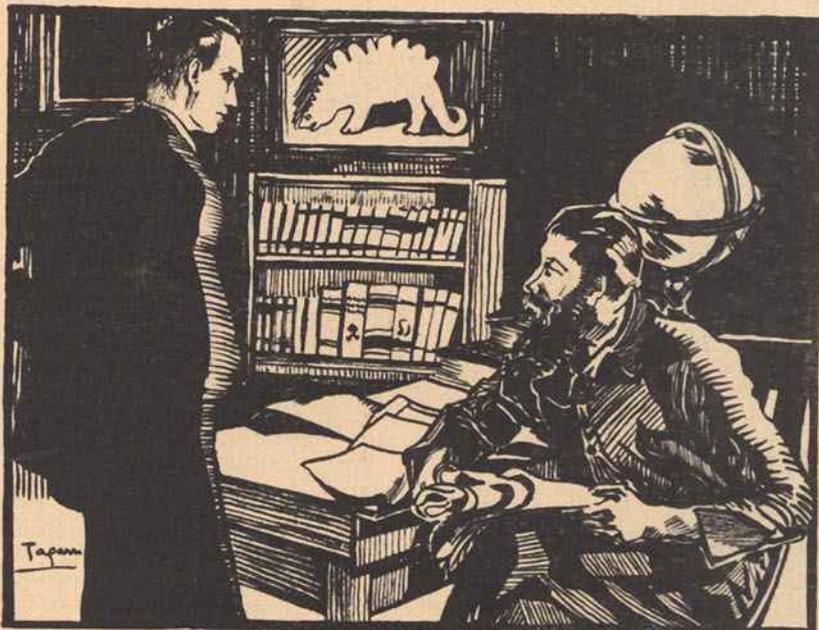
— Sério?

Um sorrisozinho feroz arregaçou-lhe o espesso bigode negro, fazendo entre-luzir a alvura dum dos caninos.

— Com que então, não admite que lhe toque?

— Sr. Challenger — exclamei — seja razoável! Peso cincoenta «stones», sou rijo como ferro e jogo todos os domingos o «foot-bull» pela London Irish. Não sou homem para...

... Desabou sobre mim... Felizmente, eu tinha aberto a porta, porque sem essa precaução teríamos os dois passado através dela, com o impulso. A violência do choque atirou-nos para o corredor, onde, com as reviravoltas, nos enganchámos numa cadeira, que se pôs a acompanhar-nos, aos saltos, a caminho da rua. A barba de Challenger enchia-me a boca; estávamos, por assim dizer, amalgamados um no outro e o diabo da cadeira sempre a sarilhar com as pernas em volta de nós. Austin, que assistia impassível, tivera o cuidado de abrir de par a par a porta do hall. Num solavanco rolámos de costas pela escada do vestibulo. Tenho visto alguns acrobatas de music-hall fazerem a mesma habilidade e tenho a impressão de que é preciso ter uma certa prática para se conseguir executá-la



— O senhor, sabe, julgo eu — disse Challenger — que o ângulo craniano é um factor constante?

comigo em astúcia: Tem, então, pretensões a onipotente, lá por ser escrevinhador de jornais? Naturalmente somos todos obrigados a dobrar a espinha diante dos senhores, na esperança dum palavra amável. Aos que a dobram, abre-se-lhes o caminho; aos outros, sova-se!

«Sabe que já houve um tempo em que se lhes cortavam as orelhas, aos senhores? Conheço bem essa gentinha! O senhor perdeu o sentimento da sua indignidade, mas eu encarregome de lho devolver. Não, com Jorge Eduardo Challenger não se brinca! A ele, ninguém lhe dá lições! Eu preveni-o: desde que o senhor insistisse em vir, corriam por sua conta os riscos e os perigos. Jogou uma partida perigosa e perdeu. Tanto pior, meu caro sr. Malone. Vamos a pagar!

— Perdão, — disse eu recuando até à porta e abrindo-a — injurie-me quanto quiser, auto-

sem se magoar. A cadeira fêz-se em estilhas, sobre o pavimento, enquanto Challenger e eu nos precipitávamos na valêta. Ele ergueu-se, brandindo os punhos fechados, ofegante como um asmático.

— E então? — perguntou ele, respirando a custo. — Já tem a sua conta, hein?

Eu tinha também já recuperado o meu apurmo: — Valentão das dúzias! — exclamei.

E é que fomos imediatamente recomençar a pancadaria, porque ele ardia no desejo de bater-se, se não fosse a intervenção oportuna dum policia, que pôs termo a esta scena ridicula, collocando-se na nossa frente, com o caderninho das partes já preparado.

— Então o que é isto? Os senhores não tem vergonha?

— Entre, que eu ainda não acabei — disse-me ele.

Não obstante o convite ser mais do que suspeito, reentrei em casa, atrás d'ele e logo Austin, sempre hirto como uma estátua, fechou a porta sobre os nossos passos.

CAPÍTULO IV

A MAIOR COUSA DO MUNDO

Mal a porta se fechou, *miss* Challenger saiu furiosa da casa de jantar e plantando-se diante do marido impedia-lhe o caminho, semelhante a um galito diante dum *bull-dog*. Percebi

pedestal de mármore branco, a um canto do *hall*, de sete pés de altura pelo menos e tão estreito que ella a custo se mantinha em equilibrio. Na verdade era um espectáculo estranhamente absurdo o que ella oferecia exposta sobre o pedestal, o rosto convulso de colera, os pés pendendo, o corpo hirto, pelo receio de cair.

— Ponha-me no chão! — gemia ella.  
— Há de dizer: «Peço-lhe».  
— Mas que estupidez, Jorge! Desça-me imediatamente!

— Entre para o meu gabinete, senhor Malone.  
— Na verdade, meu caro senhor... — implorei, olhando a pobre senhora.

— O senhor Malone intercede em seu favor. Diga: «Peço-lhe» e ponha-a no chão.

— Bruto!... Peço-lhe, peço-lhe! Pronto!  
Ele pô-la no chão, como se ella fosse uma avésinha.

— Devia ter-se sabido conter, minha amiga, porque o senhor Malone é jornalista e não deixará de contar este episodio amanhã, lá no seu papel, de que se hão de vender mais uns doze exemplares cá no bairro, com o titulo: «Uma scena entre pessoas da sociedade» e o sub-titulo «Vista de olhos sobre um casal singular». Este senhor Malone pertence áquella espécie de homens que vivem de detritos e de imundicies. *Porcus ex grege diaboli*: um porco do rebanho do diabo. Não é verdade, senhor Malone?

— O senhor é verdadeiramente intolerável — protestei.

le roncou uma gargalhada.  
— E a pesar disso, nos vamos, imediatamente, concluir uma aliança.

Olhou para a mulher, olhou para mim e logo, mudando de tom:

— Desculpe esta brincadeira em familia, senhor Malone. Foi para tratar de cousas mais sérias que voltei com o senhor e não para o envolver nos nossos gracejos domésticos. E lá a senhorinha desapareça-nos rapidamente da vista e não se faça rábina.

E Challenger pousou as amplas manípulas nos ombros da mulher, dizendo-lhe:

— E razoável tudo quanto me diz. Eu valeria mais do que valho se lhe desse ouvidos, mas nunca seria completamente isto: Jorge Eduardo Challenger. Minha queridinha, há muita gente que vale mais do que eu, mas em todo o mundo não há mais do que um Jorge Eduardo Challenger. Cumpre-lhe tirar d'este facto todo o partido possível.

E bruscamente deu-lhe um beijo sonoro, que me incomodou mais do que as suas violências.

— E agora senhor Malone — continuou elle com súbita alizez — tenha a bondade de entrar.

Reentramos no gabinete que dez minutos antes tínhamos tão tumultuosamente abandonado. Elle fechou cuidadosamente a porta, indicou-me um *fauteuil* e empurrou para junto de mim uma caixa de charutos:

— São autênticos «San Juan de Colorado» — disse-me. — As pessoas excitáveis conveem os narcóticos. Mas não morda a ponta ao charuto! Corte-a e corte-a com respeito! Ora agora acomode-se á sua vontade nesse *fauteuil* e seja o que fór que eu vá contar-lhe d'eu-me atenção e, pense o que pensar, guarde para mais tarde as suas reflexões. Se eu o tornei a meter em casa depois de o ter expulso, usando dos meus direitos...

E espetava a barba com um ar de desafio, provocando a contradição.

Depois, dizia eu, de o ter expulso, no uso dum direito, deve procurar a razão do meu proceder na resposta que deu ao policia. Parece-me ter surpreendido nessa resposta uns sentimentos que nunca esperei encontrar num jornalista. Chamando a si a responsabilidade do caso, o senhor mostrou um desprendimento, uma grandeza de alma, que me dispuseram a seu favor. A sub-espécie humana, a que o senhor tem a desgraça de pertencer, tem estado sempre muito abaixo do meu horizonte, mas a sua resposta fê-lo subir e o senhor, rigorosamente, emergiu na minha estima. Aqui está porque lhe pedi para voltar comigo para aqui e porque desejo estabelecer consigo mais amplo conhecimento. Queira ter a bondade de deitar a cunha nessa bandejinha japonesa, ali, na mesa de bambu, á sua esquerda.

Proferiu estas palavras no tom de voz do professor que prelecciona aos discipulos. Tinha leito girar a cadeira de maneira a defrontar-me e eu



— Minha senhora, creia que não há motivo para se inquietar

Foi a primeira palavra sensata que ouvi em Enmore Park.

— Bem, faça favor de se explicar... — insisti o policia, dirigindo-se a mim.

— Fui atacado por este homem — disse eu.

— Atacado?

O professor, ofegante, conservava-se calado.

— Não é a primeira vez que se passam scenas idénticas a esta.

Severamente, o policia ergueu a cabeça, dirigindo-se a Challenger:

— O senhor já no mês passado esteve envolvido numa historia como esta e agora fêz um olho negro a este senhor.

Depois, virando-se para mim:

— Quere que o prenda?

Acalmei-me um pouco.

— Não, — respondi — prendê-lo não.

— Então, o quê? — perguntou o policia.

— Eu próprio tenho alguma culpa no caso. Entrei-lhe em casa de surpresa. Elle tinha-me prevenido com toda a fidelidade.

O policia fechou o seu caderno e disse a Challenger:

— Não cáia noutra!

E como já ao nosso redor começavam a fazer circulo um rapaz, do talho, uma criada e alguns outros curiosos, o policia dissolveu o ajuntamento e começou a descer a rua, pesadamente, arrastando consigo o grupo que se formara.

O professor encarou-me: no fundo dos seus olhos, vagamente, havia qualquer coisa como uma pontinha de riso.

que ella me tinha visto sair, mas que não dera pela minha volta.

— Jorge, sempre é muito bruto! — gritou-lhe ella — Feriu esse belo rapaz!

— Elle atastou-a com um dedo.

— Ei-lo aqui, atrás de mim, de perfeita saúde. Naturalmente confusa, ella atalhou:

— Desculpe-me, não o via.

— Minha senhora, creia que não há motivo para se inquietar.

— Mas elle maganou-o na cara? Sim, Jorge — disse ella dirigindo-se ao marido — Não passa dum bruto! Não decorre um dia na semana sem que não haja escândalo consigo! Não cessa de provocar irritação e ódio. Tem abusado da minha paciência e eu começo a sentir-me farta!

— Lavagem de roupa suja! — resmungou elle.

— No soalheiro! — interveiu ella. — Não acredita que toda a rua, que toda a Londres... Retire-se, Austin, não precisamos de você aqui!...

Não vê que toda a gente murmura? E a sua dignidade? O senhor, que devia leccionar numa grande Universidade rial, cercado pelo respeito de centenas de estudantes, já pensou no que a sua dignidade + + + + + com isso, Jorge?

— E a minha boa amiga?

— As provações por que tenho passado são superiores ás minhas forças! Sempre a berrar! Sempre a alterar.

— Jenie!...

— Sempre com manias de ferrabrás!

— Bem! Já basta! — atalhou elle — De castigo! Inclinou-se para ella e pegando-lhe no colo foi sentá-la, com grande surpresa minha; sobre um

via-o, anelante como uma rã, com a cabeça deitada para trás, semi-cerradas as pálpebras desenhadas. Bruscamente, voltou-se e então mais não vi do que uma cabeleira em desordem, uma brelha vermelheando e um braço agitando-se por entre a confusão dos papéis que cobriam a mesa. Quando ele novamente me encarou, tinha na mão um objeto que me pareceu um álbum de desenho em mau estado de conservação.

— Vou-lhe falar — disse-me ele — da América do Sul. Peço-lhe o favor de não me fazer observações. Antes de mais nada, acordemos no seguinte: nada do que o senhor vai ouvir será publicado sem minha espessa autorização, que, segundo me parece, nunca o senhor conseguirá. É bem claro o que eu digo, não?

— É bem cruel. Julgo que esse relato judiciosamente ..

— Bem, temos a conversa acabada. Viva!

— Não! — exclamei — Aceito as suas condições, tanto mais que não me assiste o direito de escolher, parece-me.

— O senhor não tem o mínimo direito de escolher coisa alguma.

— Então, promete?

— Palavra de honra!

— Palavra!

Pôs-se a olhar para mim e eu li-lhe nos olhos uma dúvida que era para mim uma injúria.

— Mas quem me garante o valor da sua palavra, afinal?

— Na verdade — exclamei — o senhor excede os limites. Nunca ninguém me tratou por essa forma.

A minha indignação não o embaraçou, mas interessou-o.

— Cabeça redonda — murmurou — braquicéfalo, olhos pardos, cabelos pretos, uma pontinha de negroide... é celta, presumo?

— Sou irlandês.

— Irlandês, da Irlanda, mesmo?

— Sim, senhor.

— Tudo se explica. Bem, promete-me guardar para si a minha confidência? De resto, tem de ser muito incompleta; porque me limitarei a algumas indicações. Em primeiro lugar, o senhor deve de estar ao facto de que, há dois anos eu fiz à América do Sul uma viagem destinada a fazer clássica nos domínios da ciência. Propunha-me, então, verificar certas conclusões de Wallace e de Bates, o que só poderia fazer observando os factos por eles relatados em condições idênticas àquelas em que eles próprios os observaram. Ainda que a minha expedição não tivesse tido outras consequências, era já de molde a chamar a atenção. No entanto, achei-me envolvido num incidente que imprimiu uma nova direcção às minhas pesquisas.

«O senhor sabe — ou ++ sabe, o que é bem mais natural nestes tempos de meias educações — que certas regiões da bacia do Amazonas estão ainda parcialmente por explorar e que o grande rio tem inúmeros afluentes que nunca figuraram num mapa. Pois eu visitei essas regiões mal conhecidas, estudando-lhes a fauna, que me forneceu material para numerosos capítulos da monumental obra de zoologia que será a consagração da minha carreira. Já vinha de regresso, tendo realizado os meus desenhos, quando fui forçado a passar a noite numa pequena aldeola índia, que se erguia precisamente na confluência dum dos rios tributários do Amazonas e do qual não posso precisar nem o nome nem a direcção que segue.

«Os indígenas pertenciam à raça dos índios Guacana, rão acolhedores como abastardados e cujas faculdades mentais nunca excedem as do autêntico londrino. Algumas curas realizadas enquanto costeei o grande rio tinham-me conquistado a consideração dos índios e por isso não me admirei, ao voltar, de os ouvir dizer que me esperavam com impaciência. Compreendendo pelos sinais que me faziam que se tratava dum caso de urgência, pus-me a seguir o chefe indígena até uma das cabanas. Quando entrei, o doente acabara de exalar o último suspiro. Com surpresa verifiquei que não se tratava dum índio, mas dum branco e dum branco dos mais brancos, com um cabelo cbr de estopa e todas as características do albinismo. O fato em farapos, a confrangedora magreza denunciavam longas misérias curtidas. Os indígenas não o conheciam; tinham-no visto atravessar a floresta e arrastar-se até à aldeia, sózinho e completamente esgotado de forças.

«O seu saco de viagem estava próximo da cama. Tive curiosidade de o examinar: no fundo, numa pequena tira de pano, um nome e uma direcção.

«Maple White, avenida Laho, Détroit, Michigan». Meu caro senhor Malone, há-de vêr-me sempre pronto a venerar este nome de Maple White. Não exagero dizendo-lhe que lhe empalheará com o meu quando, equitativamente, forem distribuídos entre nós os quinhões de glória que nos cabem.

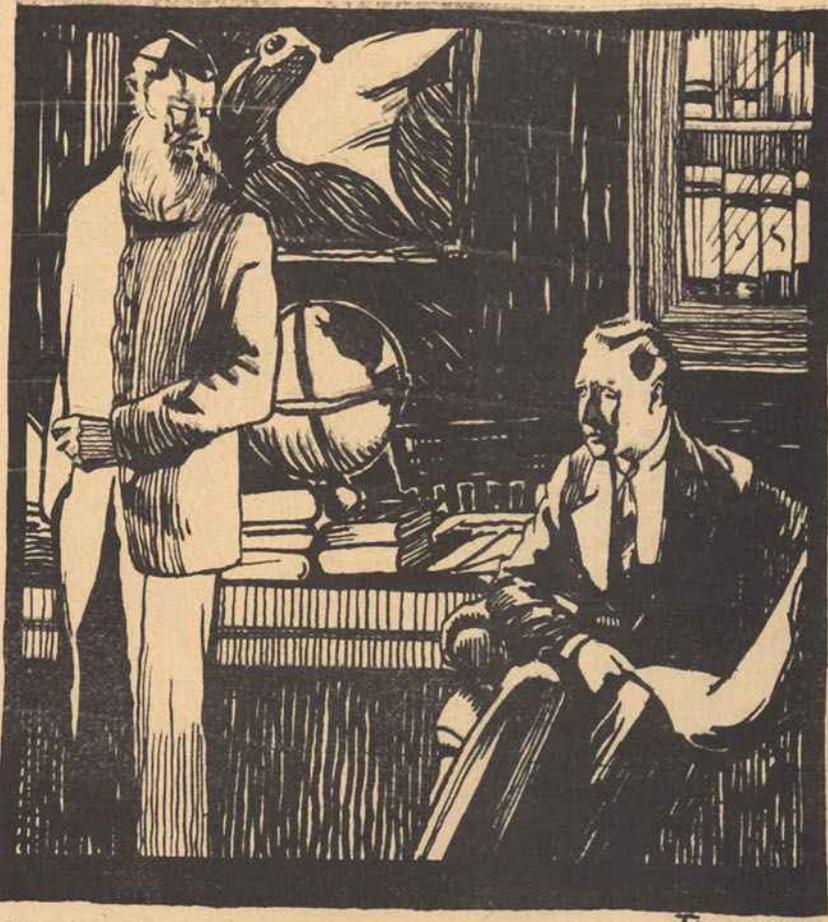
«A sua bagagem não me deixou dúvidas de que me encontrava em presença dum artista e dum poeta, que procurava motivos para as suas criações, porque continha fragmentos de poemas que — sem querer dar-me ares de crítico — me pareciam desprovidos de mérito; algumas pinturas mediocres, representando paisagens ribeirinhas, uma caixa de tintas, outra de pastel, uns quantos pincéis, esse osso que aí está sobre a minha escrevaninha, um volume de versos de Baxter, um revólver ordinário e algu-

Abri o álbum, esperando na verdade uma revelação, mas, de resto, sem supor de que espécie pudesse ser essa revelação. A primeira página produziu-me um certo desapontamento: continha o retrato dum homem gordo, com este distico: «Jimmy Calver no paquete-correio». Esboços de índios e cenas índias enchiam muitas outras páginas. Depois, era o retrato dum eclesiástico corpulento e jovial, de chapéu de largas abas, sentado em frente dum europeu muito magro, com o distico: «Lanche com Fra Cristófero, em Rosário». Depois ainda, estudos de mulheres e crianças e uma série enorme de desenhos de animais, com as respectivas legendas. Por fim, duas páginas em que se viam grandes sáurios de focinhos compridos, o que me levou a dizer ao professor:

— Trata-se, evidentemente, de crocodilos?

— De aligatores, senhor, de aligatores! Na América do Sul não há verdadeiros crocodilos. Distinguem-se uns dos outros...

— Quere dizer na minha que não vejo neste



— Sou irlandês.

mas cargas. A respeito de valores ou este estranho boémio nada possuía ou tudo tinha perdido na sua viagem.

«A a afastar-me, quando me pareceu vêr que qualquer coisa espreitava do bolso do casaco, feito literalmente em tiras. Esse alguma coisa era este álbum, que já então estava assim pouco apresentável, porque, garanto-lhe, ninguém consagra a um volume dum «edição-princeps» de Shakespeare os carinhosos cuidados que eu dedico a esta reliquia, que um feliz acaso me pôs nas mãos. Peço-lhe, senhor Malone, o favor de olhar por uns momentos para essas páginas, folheando-as e examinando-as uma por uma.

E, tendo escolhido um churrito, Challenger inclinou-se, ferozmente atento à impressão que sobre mim ia produzir o documento que me entregara.

album, nada de extraordinário, nada que justifique o seu entusiasmo...

Ele sosriu, com um arzinho cândido.

— Volte a página.

Voltei, mas não percebi do que se tratava. Via simplesmente algumas pinceladas, uma espécie de «mancha» por onde os patzagistas começam a paizagem que vão fixar na tela: massas dum verde pálido de vegetação peniforme começavam a elevar-se desde o primeiro plano até uma linha de penedias, dum vermelho sombrio e bizarramente caneladas, cujo aspecto me recordava certas formações basálticas. A muralha ininterrupta destas penedias, franjada no alto por uma delgada linha de verdura, fechava o horizonte. Num determinado local levantava-se um penhasco em forma de pirâmide, coroado por uma árvore copada e que parecia separada

## ILUSTRAÇÃO

da barreira do fundo por uma larga fenda. Sobre tudo isto arqueava-se o céu azul dos trópicos.

— E então? — perguntou Challenger.

— Parece-me uma curiosa conformação. Se não reconhecesse a minha incompetência em geologia julgaria-a extraordinária.

— Extraordinária? Diga antes única, incrível! Quem sonhou jámais uma cousa semelhante? Queira voltar ainda a página.

Voltei a página e não pude conter uma exclamação. Sob os meus olhos — sonho dum opio-mano ou visão dum cérebro em delírio — tinha o animal mais fantástico que tenho visto: cabeça de ave de rapina, corpo de lagarto barrigudo, cauda comprida erigida de picos, a espinha dorsal curva contornada por uma serra ou mais precisamente, por uma dúzia de cristas como as dos galos, plantadas em fileira. Diante do animal estava uma espécie de fantasma ou de anão, com forma humana, contemplando-o, estupefacto.

— E então, o que pensa o senhor disso? — perguntou o professor, esfregando as mãos.

— Penso que é monstruoso, grotesco!

— Segundo a sua opinião, como é que o pintor pôde representar semelhante animal?

— Sob a influência do «gin», talvez.

— Não tem outra explicação melhor?

— E o senhor tem alguma outra?

— Quanto a mim, julgo que este animal existe e que o artista o desenhou do natural.

Fu teria cedido a um frouxo de riso se não

fôsse o salutar receio de novas cambalhotas no corredor.

— Sem dúvida, sem dúvida nenhuma — concordou, como quem dá razão a um doído.

Confesso, todavia, que este minúsculo personagem me intriga. Se fôsse um índio, demonstraria a evidência a existência duma raça de pigmeus na América, mas parece um europeu, com um chapéu de fazendeiro.

O professor bufou como um búfalo excitado.

— Admirável! — exclamou. — Na verdade, como exemplo de paralisia cerebral, de inércia mental, o senhor toca o extremo! Vai até onde é possível! Admirável!

Para que servia zangar-me? Com uma eritatura assim esfalfava-me em querelas. Tive um riso de tédio, e disse:

— Este homem parece-me muito pequeno.

— Olhe para aqui — gritou ele debruçado sobre a pintura, indicando-me um ponto com o indicador grosso e cabeludo. — Não vê, por trás do animal, esta planta? Vai tomá-la talvez por um taxaxaco, por uma couve ou por qualquer coisa assim, suponho? Pois fique sabendo que é uma árvore, o *philephas* ou palmeira de marfim, que é susceptível de atingir a altura de cincoenta a sessenta pés. Não compreende agora que este personagem, neste lugar, tem uma razão de ser? É claro que se o artista na realidade se tivesse pôsto na frente do animal não teria ficado com vida e não poderia, portanto, tê-lo desenhado e se ele se desenhou

a si próprio foi só para o efeito de se apreciar a escala. Suponhamos que ele tinha um pouco mais de cinco pés de altura: como a árvore tem dez vezes esta dimensão, é fácil estabelecer a proporção.

— Oh! céus! — exclamei — pois o senhor pensa que este animal... Mas, sendo assim, a estação de Charing Cross mal lhe chega para o covil?

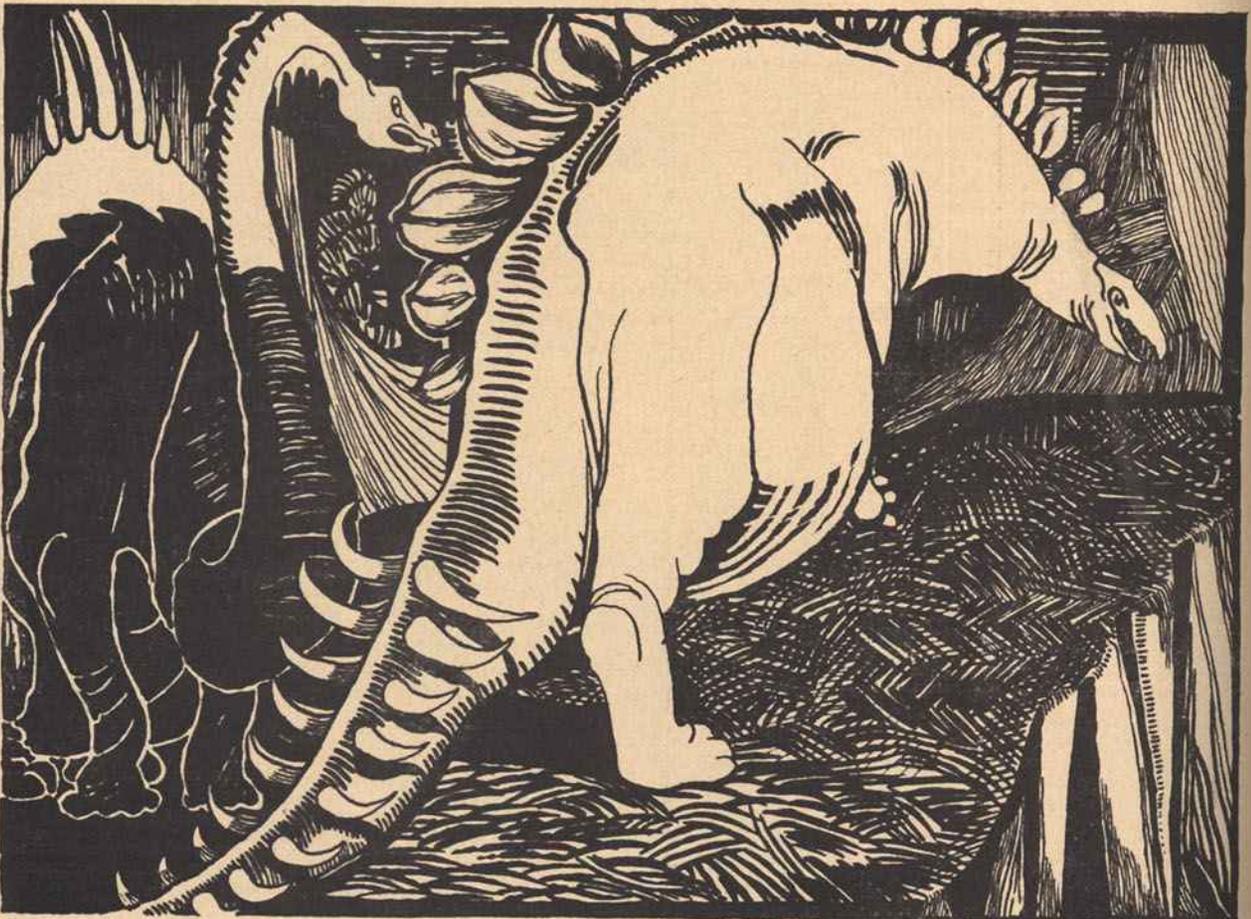
— Pondo de parte todo o exagêro, eis aí um exemplo a propósito — disse o professor placidamente.

— Mas — objectei ainda, depois de ter folheado as últimas páginas do album e de me ter certificado que nada continham — o senhor, um sábio, não vai decerto fazer tábua rasa de toda a ciência humana, fazendo fê por um esbôço achado na bagagem de um aventureiro americano, resultado, talvez, do «haschich», da febre ou, mais simplesmente, do capricho duma imaginação fantasista?

Como resposta, o professor pegou num livro, que estava sobre uma parteleira da estante.

— A excelente monografia que aqui tenho, trabalho de um homem de grande mérito, o meu amigo Ray Lankester, encerra uma gravura que o deve interessar. Aqui a tem. Veja o distincto: «Aspecto provável do *Stegosaurus*-dinosaurio jurássico». Só a pata trazeira mede duas vezes a altura dum homem adulto. O que diz a isto?

(Continúa.)



— Essa reconstrução de um monstro pre-histórico apresentava uma parecença extrema com o esbôço do desconhecido artista

Vêr, na pagina 2, as condições e prêmios do nosso concurso do romance

## O MUNDO PERDIDO



MEDIDAS DE REPRESSÃO

— Se o menino joga o *foot-ball* na rua, paga uma multa!...  
— Não se pode pagar adiantado, sr. guarda?

# O POETA DO TÊDIO E DA MORTE



Foi em 18 de Março de 1900 que, em Carreiros (Foz do Douro), a morte, ajudada pela tísica e pela fatalidade trágica atinente aos hiper-sensíveis, levou António Nobre, o singular elegiaco do Só,

.. o livro mais triste que há em Portugal.

Com justa verdade, um dos principes da moderna poesia portuguesa, sua ascendência sobre os artistas do verso da sua própria geração e das

vida e ambicionar o descanso da morte. Como Musset, poderia exclaimar: *Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux!* Um longo bocejo foi toda a sua existência. Viagens, amores, sonhos, glórias providas da arte — tudo isso teve para elle o valor efêmero de labaredas que, erguidas um momento na sua fascinante côr de púrpura e oiro, logo se abatiam na cinza, que é a imagem mais flagrante do nada.

A adorável infantilidade que através dos anos

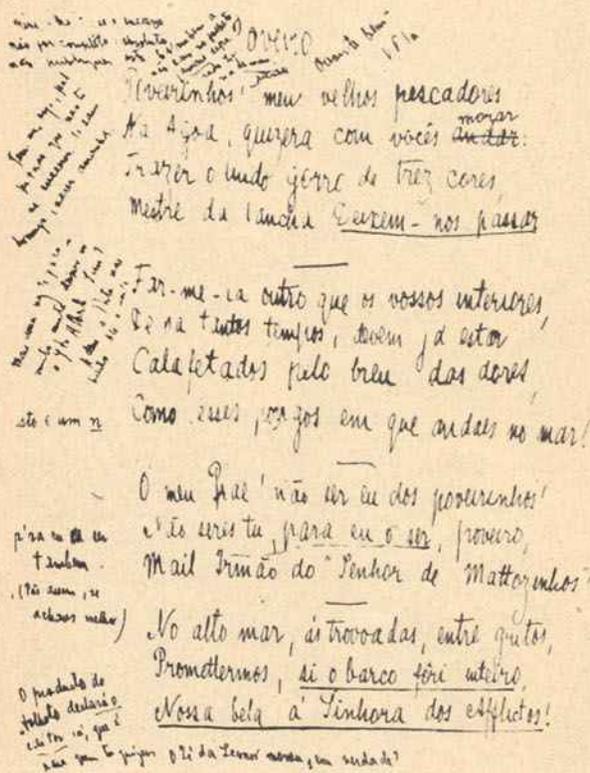
pouco se atenuou (a viva saudade dos seus tempos de menino e moço é dos temas mais frequentes nas poesias do Só), acompanhando-o mesmo até a morte, — denunciava-se de notável maneira no autógrafo que, por gentileza do illustre escritor sr. dr. Alberto de Oliveira, podemos reproduzir nesta página. Essa série de recomendações em volta do lindo soneto que faz o elogio da vida dos pôveiros, é coisa bem curiosa. Decifremos algumas: «Ouve outra vez, se o successo não fôr completo, absoluto, não publiques este.» «Tem-me, hoje, palpitado que não tive successo. Se saiu domingo, verei amanhã.» «Mais uma vez te peço muito, muito, deixa ir o S.º Alberto. Sim? Adeus, a posta vai partir. Até à noite?» «E também a não sair no folheto, jamais separado. Seria demais ridiculo.» «Ouviste bem? Vê lá.» Tinha então António Nobre 22 anos e o sr. dr. Alberto de Oliveira, seu íntimo, servia de intermediário na publicação de diversas poesias suas em qualquer periódico. Nessas notas o Poeta revela a ingenuidade da sua alma, que só de raro em raro tinha assomos de orgulho, dum orgulho irritante, que lhe alienou muitas amizades e lhe acarretou muitos ódios.

António Nobre — mas isso não nos basta para o classificamos de poeta do amor.

Como poeta do tédio e da morte é que o devemos considerar, dando-lhe excelência no bando dos sombrios pagens da Dor. Diferente, porém, de todos elles, seja Leopardi, seja Byron, seja Antero, seja Samain, seja Baudelaire, seja Rollinat: elle foi só no carácter elegiaco dos seus carmes.

Que é, afinal, esse livro tão conhecido e commovente senão um novo e estranho cântico dos cânticos em honra e louvor da morte? Essa é que foi a verdadeira e única Bem-Amada do Poeta. Enquanto esperou pela sua chegada, enquanto essa misteriosa noiva não condescendeu em acolhê-lo em sua alcova negra, António Nobre só cuidou de dirigir-lhe súplicas e madrigais. Por fim, a deusa altiva entregou-se-lhe.

E há vinte e sete anos, feitos agora, em 18 de Março, que duram essas ambicionadas núpcias, há vinte e sete anos que a fronte febril do Poeta repousa no colo dela, colo mais moreno e formoso, decerto, que o da Sulamite.



Fac-símile dum autógrafo de António Nobre

sequentes foi acentuadíssima, e ainda nos de hoje, ninguém o ousará negar, ela se não desvaneceu por completo.

Impregnada a sua obra das duas virtudes mais altas da Arte — a originalidade e a irradiação emotiva — devemos ainda ver o Poeta, acima do seu caso restrito e individual, como um inspirado intérprete da sentimentalidade convulsa e decadente da sua época, de que a nossa, aliás, não passa de misera e directa herdeira.

Incompreendido, doloroso, António Nobre veio ao mundo, ao que parece, só para se enfadar da

berto. Sim? Adeus, a posta vai partir. Até à noite?» «E também a não sair no folheto, jamais separado. Seria demais ridiculo.» «Ouviste bem? Vê lá.» Tinha então António Nobre 22 anos e o sr. dr. Alberto de Oliveira, seu íntimo, servia de intermediário na publicação de diversas poesias suas em qualquer periódico. Nessas notas o Poeta revela a ingenuidade da sua alma, que só de raro em raro tinha assomos de orgulho, dum orgulho irritante, que lhe alienou muitas amizades e lhe acarretou muitos ódios.

Delicados vultos de mulher, como Constança, Irene e outras, perpassam nos poemas de An-



COIMBRA — A chamada Torre de Anto, em Sub-Ripas, onde o poeta viveu, sonhou e escreveu muitos dos seus versos

# AS DUAS LOIRAS

— Mas como hei de eu conhecê-la, Maria Cristina, se vocês são duas, ambas loiras, ambas da mesma idade e teem, segundo você diz, os mesmos olhos azuis?

— Deixe-me pensar.  
— Vou contar até dez. Cuidado com o «knock-out».

— Pronto, já achei. Entramos às cinco e meia, com a miss. Escuso de fazer a descrição da miss porque ela é uma pessoa que já dobrou o Cabo da Boa Esperança. Sentamo-nos a uma mesa e tomamos chá. Você procede do mesmo modo, entra às cinco e meia (ou então às cinco e vinte, por delicadeza) e toma chá. Depois, observa. A esquerda ou à direita (o que será uma consequência do acaso) há de ver-nos a nós, ambas loiras, ambas da mesma idade, com o mesmo chapéu castanho e os mesmos olhos azuis...

— E nessa altura tentarei decifrar o vosso terrível mistério: qual é a Maria Cristina, qual é a Maria Manuela?

— O que não será difícil porque eu, a Maria Cristina, não me esquecerei de olhar para você. E até lhe posso dar a sombra dum sorriso.

— Prefiro o sorriso. A sombra, lá mais para o verão.

— Que engraçado! — Dar-lhe-ei, pois, o meu melhor sorriso.

— E a Maria Manuela?  
— A Maria Manuela não olha. Disfarça.

— Sabe disfarçar?  
— As maravilhas. É um hábito que lhe ficou do Carnaval. Então está combinado, sim? Você olha para as duas loiras. Uma põe-se a hipnotizar os bôlos, o balcão, a porta da rua, etc. E a Maria Manuela. A outra não desvia os olhos, antes pelo contrário, e sorri. E a Maria Cristina. Sou eu.

— E eu cumprimento e murmuro: muito prazer em conhecê-la.

— Não faltava mais nada!

— Que devo fazer então? Oferecer uma rosa à miss, um reбуçado à Maria Manuela e a você, Maria Cristina, oferecer-lhe simplesmente o

meu coração, encadernado em pele de amor, com uma dedicatória de beijos!

— Não brinque. Você limitar-se há a saber quem é a Maria Manuela e quem é a Maria Cristina. Depois...

— Depois?  
— Não sei. A gente sabe lá o que acontece depois.  
— Isso é verdade.  
— Até amanhã, Alfredo.  
— Até amanhã, Maria Cristina.

Ela desligou o Central 4530. Ele demorou-se um segundo, por cortezia telefônica, e desligou o Norte 886.

No dia seguinte, Alfredo sentou-se a uma mesa da Bénard. Espetou uma imitação de Abdulla na boquinha imitação de âmbar (por sinal excelente, com laivos de ouro fino) e começou a pensar que a sua vida, como os seus cigarros e a sua boquinha era também uma perfeita imitação. Mas logo esta descoberta, derivada talvez duma educação severamente religiosa, se lhe antolhou: a única imitação perfeita deste mundo era a Imitação de Cristo. Sentiu-se vexado e burlesco. Esperou que alguém lhe dissesse: «meu caro senhor, isso é muito bem feito, mas não engana; a sua vida é falsa como as pérolas japonesas ou, mais particularmente, como os seus cigarros Abdulla e a sua boquinha de âmbar». Ninguém o incomodou sequer. Porque razão? Porque todos que ali estavam, naquela pastelaria elegante, à hora elegantíssima do chá, eram como ele, Alfredo, eram imitações mais ou menos felizes, desde o cavalheiro de monoculo que em sua frente bebia uma groselha à senhora com brincos de diamantes (falsos, decerto) que a seu lado, de vésu sobre o nariz, cravava os dentes agudos (falsos, decerto) na manteiga fôta dum pastel.

Alfredo encolheu os ombros, cheio de filosofia. Se a mentira é tão verdadeira, para que serve uma verdade em que ninguém acredita?

Foi nesta disposição de espirito, sempre a mais amável e condescendente porque obedece à lei do menor esforço, que ele viu entrar na pastelaria, reboçando uma velha inglesa, as suas duas raparigas loiras. Vestidas à moda, com dois capacetes de feltro castanho claro, forrados por dois casulos de crepe marroquino da mesma cor, em cada pescoço branco um fiosinho de pérolas, em cada rosto animado uns olhos infinitamente azuis. Sentaram-se à direita, pediram chá, arrumaram uma quantidade de pacotes sobre a mesa e fizeram imediatamente o que toda a gente faz numa pastelaria: olharam. Uma tinha um nariz suave, uma boca pequena, um queixo redondo com uma covinha. A outra tinha um nariz arrebitado, uma boca carnuda e um queixo insolente. Em ambas o cabelo era loiro, cortado pelas orelhas, saindo pela nuca como uma ponta de lenço. Alfredo acenou-as encantadoras e, para distinguir a Maria Manuela da Maria Cristina, ficou, ao mesmo tempo, o nariz suave e o nariz arrebitado, a boca pequena e a boca carnuda, o queixo redondo e o queixo insolente. Depois os seus olhos encontraram quatro olhos azuis, mal encobertos por longas pestanas. Dois deles rebrilharam e desviaram-se logo, imitando tão bem a indiferença como a sua boquinha de massa amarela imitava o âmbar. Era a Maria Manuela. Os outros dois permaneceram aparafusados nos olhos de Alfredo, claros e grandes, luminosos e húmidos, batendo as pálpebras. A boca desses olhos estava entreaberta, esboçava um sorriso misticador e jovial onde havia, talvez, uma suspeita de ternura. Era a Maria Cristina. Então, conscienciosamente, Alfredo derreteu-se em olhadelas e sorrisos para a Maria Cristina, linda proprietária do nariz arrebitado, da boca carnuda, do queixo insolente, enquanto a Maria Manuela conversava com a velha inglesa ou dava a qualquer rapaz simpático (monge da ordem dos contemplativos), além das suas corneas irizadas de céu, o seu nariz suave, a sua boca pequena e o seu queixo redondo com uma covinha. Alfredo derreteu-se e gostou. Porém, quando elas saíram da Bénard e ele se encontrou à porta da Brasileira, sentiu



o torpor vago duma decepção ou duma desilusão, sentiu a sede que sobrevive a um copo de limonada, mais exacerbada no fim pelo açúcar que ficou no fundo, e compreendeu que à carta de identidade que descobrira na atitude da Maria Cristina e da Maria Manuela, ele preferia mil vezes o mistério das duas raparigas loiras.

— E você, Alfredo?  
— Primeira pessoa do indicativo presente do verbo ser. É a Maria Cristina?

— Iguualmente. Então que me diz ao chá?  
— Delicioso. Um chá doce e azul que bebi pelos olhos.

— Gostou da miss?  
— Pode dizer a miss que gostei... da Maria Cristina.

— Que é uma rapariga simpática.  
— Indubitavelmente. E sou um homem feliz.

Eu ignorava que a felicidade, uma coisa tão grande, dependia duma coisa tão minúscula: saber quem é a Maria Cristina, saber quem é a Maria Manuela.

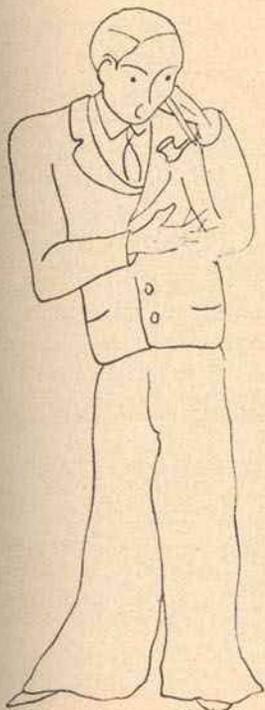
— Veja lá...  
— E eu agora sei. A Maria Manuela, nariz suave, boca pequena, queixo redondo com uma covinha.

Ouviu uma gargalhada fresca e vibrante.  
Ouviu uma gargalhada lenta e preguiçosa. E uma voz arrastada, grave, mais feminina, talvez, perguntou:

— Tem a certeza?

Alfredo vai agora, todas as tardes, à pastelaria Bénard. Acende uma imitação de Abdulla, olha para a Maria Manuela e para a Maria Cristina, as duas raparigas loiras. Há quatro olhos azuis que pousam nos seus olhos a risinha esperança do amor. Ele tem no seu coração, pela primeira vez, um amor que não é imitado, um amor verdadeiro porque nasceu do mistério: Oh esse amor não é infinito, nem elevado, nem grande, limita-se a ser simples e transparente, porque o mistério que lhe deu origem é o mistério mais simples, mais transparente deste mundo. Bastaria que um dos seus amigos lhe dissesse: «queres que te apresente? Olha, aquela é a Maria Cristina, aquela é a Maria Manuela.» Mas Alfredo não quer saber qual das duas raparigas loiras, ambas da mesma idade e com os mesmos olhos azuis, é a Maria Manuela ou a Maria Cristina. O seu amor, o seu capricho, o seu interesse, até a sua felicidade, dependem exclusivamente da ignorância. E ele tem tanto medo de descobrir, involuntariamente, a Maria Manuela e a Maria Cristina naquelas duas raparigas loiras (por qualquer conhecimento que as saúde em voz alta ou pela voz alta duma delas a pedir um guardanapo) que todas as tardes entra na Bénard com duas bolinhas de algodão em rama nos ouvidos.

José S. RAU.



# ARMAS ENVENENADAS

Geoffroy Saint-Hilaire encontrou, nas grutas de Massat, uma frecha de pau de veado, datando da idade da pedra pulida, onde se vê uma goteira longitudinal que se julga ter sido destinada a receber qualquer substância venenosa. Vem, portanto, dos tempos pre-históricos o combate com armas envenenadas, que nos aperfeiçoámos agora com o emprego dos gases asfixiantes.

Também como agora, protestaram contra esses meios de guerra as almas bem formadas de todos os tempos. «Um guerreiro nunca deve

dos Francos. Sigeberto morreu de feridas feitas com armas envenenadas, por instigação de Fredegonda. Plínio fala do emprego do heléboro e do aconito pelos gauleses; e parece que até o tempo de Filipe III se envenenaram armas em Espanha com o suco do heléboro branco.

Em África continua o uso dos venenos, tanto para dar às armas virtudes mortíferas, como para decisão de pleitos. Tivemos na Europa a prova judiciária pelo fogo e pelos venenos, restando-nos, como sobrevivência

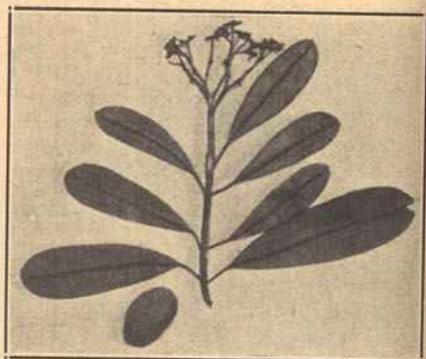
dessa classe de provas, a do duelo. Nas ordálias, que assim se lhes chama, realizadas em África, morriam muitas pessoas. Quando, em 1810, morreu o grande rei Adrianampoinimerina, fundador do império hova em Madagascar, todo o povo foi obrigado a beber o «tanghin», com o fim de ser descoberto o autor do malefício que tinha causado a morte do rei. Acreditavam, efectivamente, os indigenas que nunca a morte é natural, mas, sim devida a práticas de feiticeiros ou vinganças de espiritos malignos. Morreu da prova o nobre Andriantandra; e o seu corpo, coberto de maldições, foi dado em pasto aos cães.

O «tanghin» é a semente da «Tanghinia venenifera», planta semelhante ao loureiro-rosa, de folhas alongadas e flores dispostas em cachos terminais. Nêle existe um espirito, segundo as crenças dos hovas, capaz de distinguir os inocentes dos culpados, poupando os primeiros e envenenando os segundos. Nêle existem, realmente, venenos semelhantes aos que se encontram

no *Strophantus*.

É este *Strophantus* a planta de maior toxicidade das que empregam os indigenas da Senegambia e da Guiné para envenenar as suas frechas. Talvez com ela tivessem sido preparadas as que feriram, na foz do Gâmbia, o nosso navegador Nuno Tristão, que dessas feridas morreu. Também o *Strophantus* se usa em outras regiões de África, com mistura de produtos animais: de um lagarto em Zanzibar, de várias serpentes e outros reptis entre os Hotentotes.

Os malaioes são afamados na preparação de tóxicos com que envenenam as armas. Servem-se de plantas do género *Strychnos* e principalmente do *Antiaris* que passa por ser a planta mais venenosa que existe. Diz-se que o macerado da casca, lançado num ribeiro, envenena os peixes que nêle vivem; que o latex, introduzido em certos frutos, mata os animais que o ingerem; e afirmou-se até, o que lembra a lenda da mancenilheira americana, que havia em Java uma floresta de *Antiaris* de que ninguém podia aproximar-se sem perigo de



Ramo de *Tanghinia venenifera*

vida. Pode comparar-se-lhe em toxicidade o *Kominga*, de Madagascar, que como o *Tanghin*, o *Kironda* e o *Kironda* constituem os venenos de que os indigenas se serviram para envenenamento de armas e para as suas ordálias. O *Kominga* é uma árvore copada, de folhas duplamente compostas e flores esverdeadas, de cheiro forte, dispostas em cachos. Pretendem os indigenas que o cheiro das flores ou o fumo da casca a arder bastam para produzir envenenamentos, e que a água onde caem as folhas intoxica os animais que a bebem. Acreditam mesmo que um pedaço de casca de *Kominga* escondido proximamente a uma habitação, do lado donde sopra habitualmente o vento, basta para trazer doenças terríveis e até a morte dos seus moradores.

São, afinal, poderosos venenos, sendo também, quando em pequena dose, medicamentos de possível utilidade. Os indigenas empregam-nos; e a medicina europeia poderá igualmente recorrer a êles, quando melhor estudados, como fez para com o *Strophantus* que tem hoje seu lugar marcado na clínica corrente.

F. MIRA.



Ramo e espigas florais de *Erythrophloeum kominga*

empregar contra os seus inimigos armas pérfidas», diz o código indio de Manu; mas os indios, segundo referem os seus velhos livros, envenenavam as frechas com a carne de certas serpentes que deixavam apodrecer ao sol, e em toda a Ásia se procedia de igual modo empregando tóxicos vários: o aconito na Ásia central, na China e no Japão, juntando-se-lhe, nestes dois últimos países, aranhas pisadas de certa espécie peçonhenta; as anêmonas ao norte; o *Strophantus* e o *Anitaris* na Indo-China. Já em tempos muito antigos se tinham tornado célebres as frechas dos Parthas, e os judeus se serviam de armas envenenadas como testemunham certas passagens dos «Salmos» e do «Livro de Job».

Na Europa, fala-nos a «Mitologia» das frechas de Hércules mergulhadas no fel da hidra de Lerna, que conservaram o seu poder mortífero durante tão longo tempo que tiveram de ser empregadas na guerra de Troia, por determinação dos deuses. Aristoteles fala dos venenos dos celtas; os escritores romanos, das frechas dos Scitas, dos Belgas, dos Gauleses,



O Kironda (*Periera madagascariensis*)

# BEETHOVEN

## NO 1.º CENTENÁRIO DA SUA MORTE

*Porque escrevo? dizia Beethoven; Porque tenho necessidade de expandir o que sinto no coração; é por isso que escrevo!*

Beethoven realizou musicalmente aquilo que um crítico contemporâneo, francês, resumiu nesta frase: o carácter essencial da música de Beethoven é a psicologia musical dos seus temas. Ainda não houve quem, na música, reflectisse tão exuberantemente o carácter humano e a expressão poética da existência e da natureza, como esse alto espirito, essa compleição subtilíssima de sensibilidade que foi Beethoven, homem e vidente, Mago e encantado Peregrino dos sons que soube lêr e sentir a Natureza, na mais arrebatada das emoções que o lirismo mu-



Kreuzer, a quem Beethoven dedicou a célebre sonata

sical de todas as épocas produziu num clarão de maravilha.

Que nos importa a nós, os enamorados da Beleza Eterna, que nos escaninhos complicados da investigação histórica se queiram alimentar numa ânsia de etnismo especulativo, origens de raça, para esse criador incomparável, e que se pretenda fixar à Agua o ninho certo dos seus avengos, as paragens seguras onde, através dos séculos, se foi formando a consciência artística do Titan? Se todos sabemos que não há fronteiras por mais demarcadas, por mais sólidas que sejam, que o possam restringir a um pedaço do mundo, a um âmbito miserável de terra, porque ele, elevando-se à maior das alturas, à cuspide

do Génio, encheu o mundo todo e a ninguém pertence já, a parte alguma, porque de todos é, de toda a raça humana! Austriaco, flamengo, isso exactamente é, o que ele menos é, porque o mundo para a enormidade do seu talento, não tem dimensões, não tem fim tão incomparável, tão desmedido é o espaço que ele ocupa na concepção musical de todas as eras artisticas. Nem a radiação soberba de Haydn e Bach diminuíram pelo domínio do poder construtivo, ou da inspiração, esse cultor mágico do ritmo musical que foi Ludwig van Beethoven a quem um dezembro frio do século dezoito, cumprida a sua sétima década, iluminou para a vida, em Bonn, terra quasi a tocar as flechas gentis da catedral de Cologne. A serenidade hirta em que a sua mocidade se acalentou, ao contrário da de Mozart, a quem um convívio familiar sorriu fagueiramente, ensinaram-no a velar um sorriso que foi triste até ao dia 26 de Março de 1827 em que se fecharam para a luz, aqueles olhos sonhadores, dolentes, em que pairava a agonia duma vida de atribulados pensamentos, de incertezas flageladoras; mas onde também coruscaram as scintillas dum génio que os séculos hão-de conservar religiosamente, na prostração das almas que o souberem compreender, sempre que a sua música venha palpar junto dos corações, na obstinação deliciosa de os fazer vibrar e sentir!

Para se estudar, para se compreender Beethoven há que vêr o homem no convívio da sociedade, no flagelo da sua doença moral e material e o compositor magistral, sublime, sentido pelo poder do seu temperamento construtivo e sentimental. As paixões e as dôres que o amarfanharam a toda a hora, a desilusão que o assoberbou como um estigma que não deixasse de lhe assistir em todos os transe, deram-lhe ainda mais a provação de belezas ignoradas por aqueles a quem não tocou a asa da desventura, a quem a sorte doirada e azul do prazer e da despreocupação embalou num volúpico beijo de carícia. Esses dois períodos marcantes da sua individualidade humana em íntima relação com a organização do músico, períodos que se desdobram cronologicamente de 1770 a 1792, em Bonn e de 1792 a 1827, em Viena, são a condensação completa, metódica das suas tendências, das suas aspirações e porventura o englobamento de todos os sentidos directivos do compositor perfeitamente divididos, segundo o objectivo da sua obra e na influência da sua sensibilidade, quando sujeito às contingências da sua vida e da sua idea social.



Beethoven na idade de 17 anos

Porque Beethoven foi bem o ponto de incidência moral de acontecimentos políticos que a Europa do primeiro quartel do século XIX conheceu e viveu num ambiente agitado em que uma onda reivindicadora sacudiu muitos cérebros e remexeu muitas sociedades, até então comodamente adormecidas por uma improductiva imobilidade de processos de governar. E, Viena foi uma das confluências mais salientes d'esse



Beethoven segundo retrato da época

## ILUSTRAÇÃO

combate ideológico em que sossobraram vontades e espíritos, e donde surgiu paralelamente o esboço de modalidades administrativas e políticas a que, não pouco, o tempo e os actos próprios, desfizeram a miragem, serena e grata aos corações impolutos! Essa característica que a época irradiou de si na convulsão dos caracteres em face da verdade pura, não podia ser extranha, à compleição moral do compositor, que não raras vezes passou às frases imorredoiras da sua música a singular decepção do seu espírito, a verdadeira expressão do seu sentimento humano despido de ficções, hostil a arremedos de autocratismos ingênitos. Por isso o cunho guerreiro de algumas das suas obras tanto acusa a admiração pelo ardor hélico, bem compreendido pelo seu sentir, como a dolorosa confissão do seu enganador convencimento acerca da continuidade de actuação dos homens que, numa perspectiva de momento, seduziram certas sensibilidade justas e equilibradas!

A gravura de Blasius Hoefel, arrancada estupidamente ao desenho de Letronne dá nitida, o vinco fisionómico de Beethoven, que sofrendo a inconstância dos homens, ridicularizado na sua boa fé, dizia de Napoleão, após a batalha de Iéna «Que desgraça não conhecer a guerra como a música, eu o bateria...»

Napoleão não era o homem que ele sonhara, aparecia-lhe uma criatura banal, defeitável como qualquer outra. Di-lo abertamente a terceira sinfonia donde o nome de Bonaparte foi riscado desde que a cabeça do general sustentou o péso da coroa de imperador. A reflexão no seu estro musical desta flutuação da consciência deu ensejo a que, no período que decorre de 1812 a 1815, Beethoven produziu *A Vitória de Wellington*, sinfonia de compassos clangorosos. O canto guerreiro *Renascimento da Alemanha* e o *Glorioso momento*, cantata patriótica que ele dirige no congresso de Viena, à frente de reis e de príncipes. Este período, caracteristicamente épico, da música beethoveniana, suce-

dera aos anos de doce quietitude que vão desde a quarta sinfonia escrita em 1806 quando Beethoven vivia o seu amor, cheio de pureza, com Tereza de Brunswick, até 1810.

É em 1807 que desabrocha essa fulguração admirável, a sonata «*appassionata*», que o próprio Beethoven classifica como a mais poderosa das suas sonatas. No entanto um resabio trágico contamina a sua vida, desde que em 1798 se acentuava a cruel surdez, melancolia dum vidente a quem a desgraça espreita dia a dia. Manifesta-se a dor física numa aliança estreita com a dor moral no *largo* da terceira sonata para piano, embora a sinfonia em dó maior em todos os andamentos menos no scherzo e o septuor exprimam uma juvenildade limpidíssima. Dir-se-ia que a sua alma não se acostumara ainda, de todo, à dor. Vida de sonho e de realidade a um tempo, é a que Beethoven vai arrastando, com curvas tenebrosas no caminho por onde passa a sua alma ingênua; ora o fascina ficcivamente, ora o desorientam e logo lhe trazem o aniquilamento dum felicidade vislumbrada, num êxtase que se perde rapidamente, quando a verdade o toca, na inexorabilidade da desesperança. Já não dá pelos seus triunfos, pelo estridor festivo das apoteoses es-



Beethoven

seus olhos para sempre, e aquele coração dum candidez de criança deixa de palpitar, depois de encher a Terra com uma obra musical que nem os séculos mais dilatados lograram destruir, porque por ela passou já o hausto febril da imortalidade, o lampejo inquieto da consagração eterna.

Todo o mundo, agora, em adoração, enaltece, recorda, divinisa as páginas extraordinárias de Beethoven, marcando indelevelmente a passagem do primeiro centenário da sua morte. É um momento soleníssimo em que uma comemoração não tem a falsidade de galas espantosas, e de cerimónias banais. Não o pode ter. O espírito do Mestre subiu tão alto, que a menos brilhante comemoração valeria por si so, ainda que, unicamente, os lábios pronunciassem esse nome, que canta o Maior dos Maiores e de quem Wagner pouco prodigo em louvamínhas, disse num arranco de convicção: *Em todos os tempos será compreendida a música de Beethoven. Com ela se criou um símbolo, um tipo universal que viverá eternamente!*

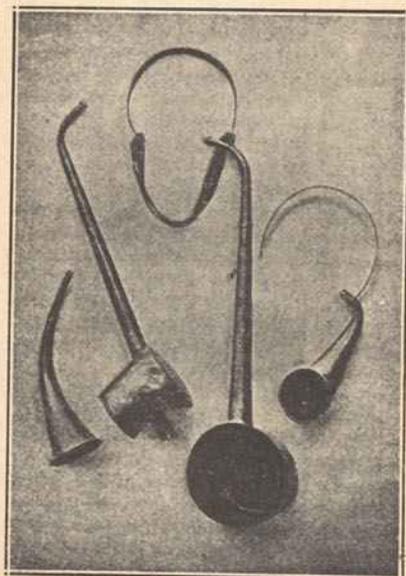


A máscara de Beethoven

trondeantes. Só a Natureza o deslumbra num incendio arroubo que nasce do seu desengano da vida e dos homens! Miserável, quasi a mendigar, o gigante a quem a surdez não embotara a inspiração, herói do abandono, mártir supremo, nem já tem a assistir-lhe os amigos mais certos. Cherubini, quando Beethoven lhe escreve, para que ele contribua para a almoeda da sua Missa em ré, nem ao menos lhe responde. As sonatas só atingem a parca quantia de trinta e tal ducados, completada por sete subscritores, onde não figura sequer um músico...

Agonia lenta; mas devastadora. A doença pertinaz avança, olha-o de frente, a desafá-lo na sua dor, marcando-lhe com arripante morosidade o termo da vida, até que em 26 de Março de 1826, quando sobre Viena um lençol de neve, puríssima como a sua alma de eleição, envolvia sôfregamente as casus dos arquiducos, e as árvores tranzidas dos jardins, a mão piedosa dum músico moço, Anselmo Hüttenbrenner, cerra os

Em 27 de Março já a Primavera trouxe a terra o sorriso cândido das árvores que voltam a viver na festiva exuberância da sua seiva, e as flores e os frutos ensaiam a sua aparição, num desabrochar galante de fecundas vegetações. O ar morno e languído das tardes que começam a doirar, cicia uma prece ao Sol bemfazejo que faz abrir as entranhas da terra numa ampla floração de cor e de movimento das raízes nervosas. Enquanto as asas cruzam em graciosos vôos o horizonte tranqüilo, o Mundo recordará a ascensão para a imortalidade do divino Beethoven, como se o aroma e a cor das suas produções magníficas viesse confundir-se com o cicciar dos arroios e fazer viver de novo, e sempre, a limpida emanação lírica da sua música pastoral, onde há cantos de serras longínquas e ânsia de flores e de plantas que bebem a terra em sôfregos sôrgos de luxúria!



Instrumentos de acústica de que Beethoven se servia

# P A S S A T E M P O

## PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do n.º 29)

F	I	M					
I	R	O					
M	O	I	R	O			
		R	O	R			
		O	R	M	U	Z	
					U	F	A
					Z	A	S

### A DOSE

*O médico:*—O seu pequeno não tem absolutamente nada, mas uma pouca de água e sabão não lhe fazia mal nenhum.

*A mãe:*—Sim, sr. doutor, e dou-lha antes ou depois das refeições?

## PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

1	2	3				4	5	6
7						8		
9				10	11		12	
				13		14		
				15			16	
				17				
				18	19			20
21		22		23			24	25
26							27	
28								29

Horizontalmente:

- 1 Letra grega.—4 Aprovado.—7 Linda estrela.
- 8 Une.—9 Senhora.—10 Abreviação usual.
- 12 Espírito.—13 Na cira.—15 Medicamento.
- 17 Prende.—19 Faz frio.—21 Amargo.—23 Apelido.—24 Infinito.—26 Antigo nome de uma ilha.—27 De ferro ou aço.—28 Onomatopéia.—29 Poesia em louvor.

Verticalmente:

- 1 Nome feminino.—2 Receia.—3 Chefe de uma tribo.—4 Repetição.—5 Parte de um nome histórico.—6 Flagelo.—10 Nos conventos.—11 Modêlo.—13 Antigo ducado na Prússia.—14 Indispensável aos sapateiros.—15 Rabina.—16 Nota de música.—18 Fruta.—20 Centro.—21 Em África.—24 Queima e destrói.—25 Exclamação familiar.

Um solteiro endurecido respondeu assim às críticas de alguns amigos que lhe exproavam o facto de elle não casar:

—Vocês, com certeza me não julgariam capaz de ir casar com uma mulher tola bastante para me aceitar.

—Hum! suponho que não vendem biscoitos para cães, nesta abonçada terrinha?

—Vendemos, sim senhor. Deseja num cartucho ou é para comer aqui?

### INEGÁVEL

*Ele:*—Ah! A Margarida é um perfeito anjo.

*Ela:*—Mas que cegueira a tua! Pois não vês que essa rapariga se pinta?

*Ele:*—Então! e já viste algum anjo sem ser pintado?



*A mãe:*—Dá-se um dos teus bombons de chocolate ao hipopótamo, Mimi? *Mimi (que já está muito diminuído e mazinha dos bombons):*—Parece-lhe que elle poderá comer um, inteiro, máesinha?

### A GEOGRAFIA DA MIMI

Mimi está dizendo as suas orações, à noite.

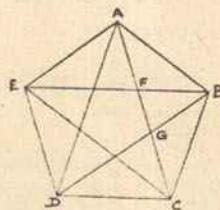
—Meus Deus, fazei com que Sevilha seja a capital da Espanha.

—O que vem a ser isso de Espanha e de Sevilha no meio das tuas orações? — pergunta-lhe a mãe.

—Foi o que eu escrevi hoje no meu terna de geografia, mamã, e não queria que estivesse errado, bem vê.

### A CONTAGEM DOS TRIANGULOS

(Passatempo)



Aqui tem um pentágono com todos os vértices ligados entre si por linhas rectas.

Desejamos saber quantos triângulos diversos se contem nesta figura. Tem-nos acontecido fazer a conta mais de uma vez e dar sempre um resultado diferente.

Para tornar a explicação mais clara, devemos dizer que AFB, AGB, ACB, BFG, BFC e BGC são seis triângulos.

A contagem não é difficil se procederem com algum método, mas de outra forma é natural deixar escapar triângulos ou incluir alguns, mais do que uma vez.

### PARA COMPLETAR A OBRA

*O petiz:*—Aquele último quilo de salchichas que vocemecê vendeu ao meu pai ia quasi matando a pobre da minha avó.

*O carniceiro:*— Bem sei, isso é uma história para eu dar o dinheiro, outra vez, ao teu pai. É o que elle quer, não é?

*O petiz:*—Nada, não senhor; o que elle quer é outro quilo de salchichas.

### NÃO ERA O QUE ELLE QUERIA DIZER

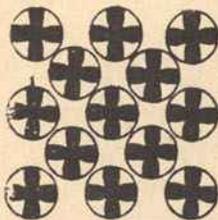
*O livreiro:*— Esqueceu-se da carteira? Não tem dúvida, leve o livro e paga-me amanhã.

*O freguês:*— E se eu morrer esta noite?

*O livreiro:*— Oh! Não será grande a perda!

### OS TREZE DISCOS

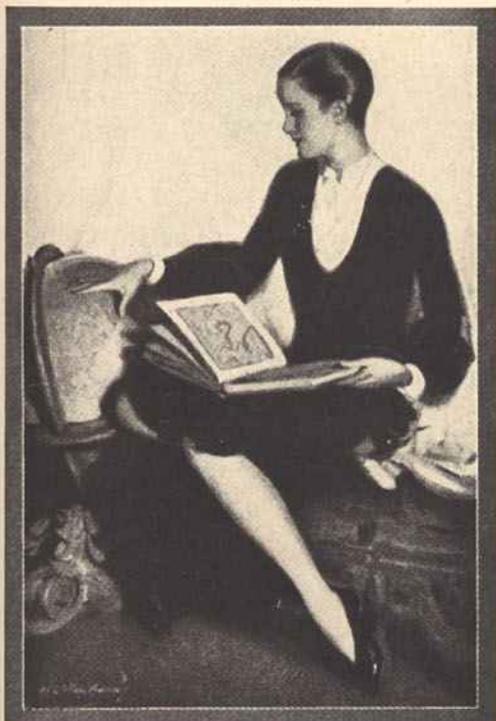
(Solução)



Aqui estão os 13 discos dispostos de forma simétrica.



Leiam todos



O

MAGAZINE  
**BERTRAND**  
LEITURA PARA TODOS

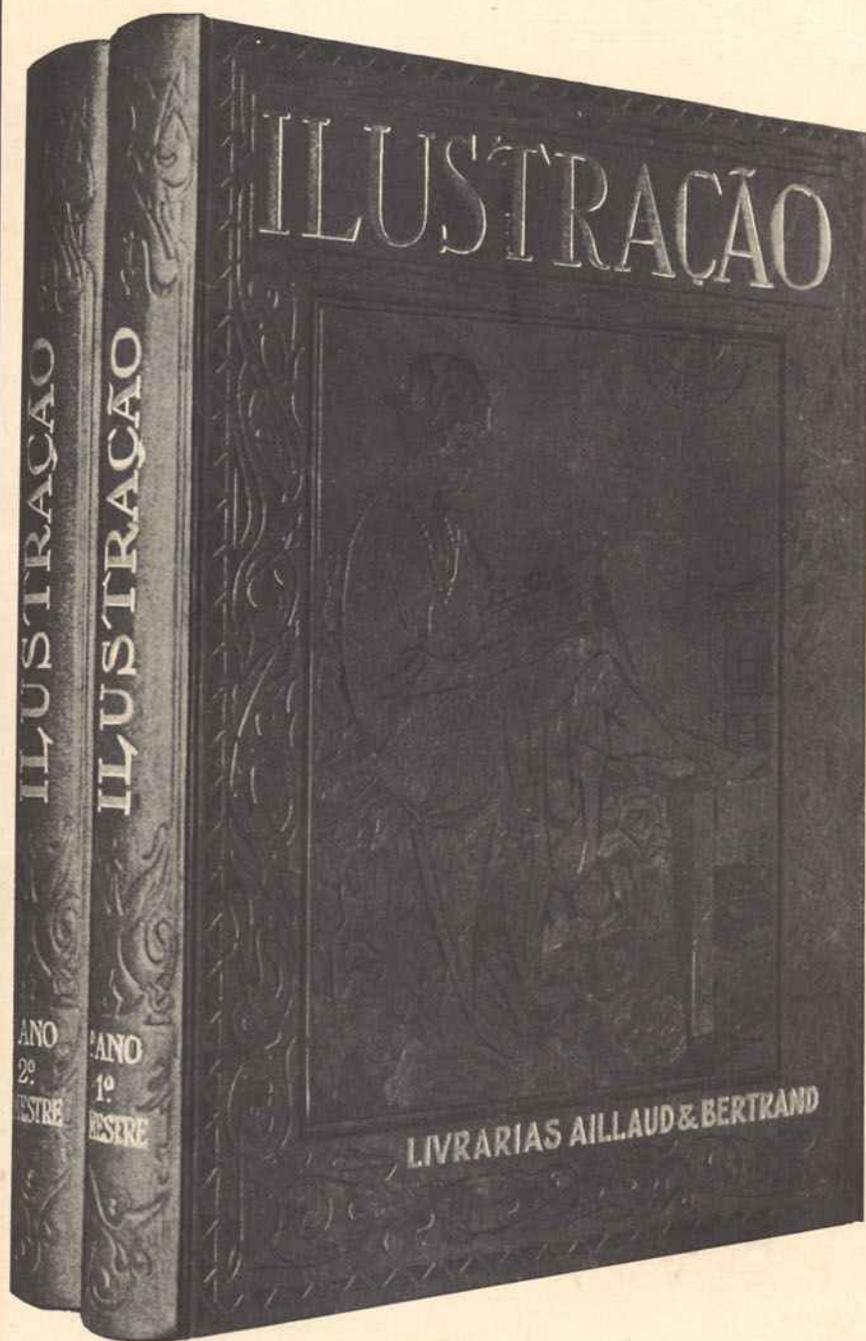
Unico  
no seu género  
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 3.<sup>o</sup> Número

# Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

Cada volume  
encadernado

ESC. 68,000

Capa em percalina  
com ferros especiais  
para cada volume

ESC. 12,000

Capa  
e encadernação  
(cada volume)

ESC. 20,000

• • •

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS  
AILLAUD  
E BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 2 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, e os números 13 a 24 para o 2.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.